

PATRÍCIA ANTUNES NUNES DE LIMA

**MORFEMAS DERIVACIONAIS E COMPOSTOS DO
PORTUGUÊS BRASILEIRO NA FALA DE CRIANÇAS DE
DOIS A SETE ANOS DE IDADE**

PORTO ALEGRE

2006

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

Morfemas Derivacionais e Compostos do Português Brasileiro na fala
de crianças de dois a sete anos de idade

por

Patrícia Antunes Nunes de Lima

Dissertação submetida a avaliação como
requisito parcial para a obtenção do grau
de Mestre em Letras

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Schwandt

Porto Alegre, julho de 2006

Agradecimentos

A Deus por me dar a oportunidade de cursar uma pós-graduação em uma universidade pública e por ter me iluminado sempre.

Ao professor Dr. Luiz Carlos Schwindt, não apenas pela orientação cuidadosa, mas pelo apoio que me foi concedido desde o meu primeiro contato com a UFRGS.

À coordenação do Curso de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, bem como aos professores e funcionários desta Instituição, pela atenção e carinho permanentes.

Às professoras Luciene Simões e Ana Zilles e equipe de bolsistas, pela atenção dispensadas.

Ao CNPQ, pela bolsa de estudos concedida, sem a qual a realização deste curso não seria possível.

À coordenação do Curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, em especial à professora Dra. Regina Lamprecht e à orientanda Roberta Azambuja, pela receptividade e apoio dados.

À Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Letras da UCPEL, em especial à professora Dra. Carmen Matzenauer, pela colaboração para realização desta pesquisa.

Aos amigos e colegas do curso de Letras Aline Grodt, André Schneider, Deisi Vidor, Evellyne Patrícia e Taís Bopp, pelo apoio e por dividirem comigo esta caminhada.

Aos amigos especiais Adão Júnior, Eugênia Sawka, Mônica Cabrera, Mathilde Fernandes, Flávio Veiga e Braz Santos, por terem me apoiado durante este período.

Aos meus familiares pelo amor dedicado.

À minha mãe, pelo exemplo de esperança, generosidade e fé.

Às instituições Rede Adventista de Ensino, Escola de Educação Infantil Meu Cantinho e Escola Municipal Vinte de Setembro, por terem me despertado o amor pela fonoaudiologia escolar e pela amizade.

Aos amigos Jussemar Silva, Luciano da Silva, Vera Fran, Vera Lúcia Oliveira e colegas da Prefeitura de Viamão, pela amizade e por acreditarem no meu potencial.

Aos meus pacientes e seus respectivos familiares, pela compreensão, reconhecimento do meu trabalho e, acima de tudo, por dividirem tão solidariamente comigo este período.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS.....	6
LISTA DE GRÁFICOS.....	7
RESUMO.....	8
ABSTRACT.....	9
1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Justificativa	11
1.2 Objetivo geral	12
1.3 Objetivos específicos	12
1.4 Hipóteses	12
2 REVISÃO TEÓRICA.....	14
2.1 Morfologia	14
2.1.1 Morfema.....	14
2.1.2 Base.....	16
2.1.3 Raiz.....	17
2.1.4 Radical.....	17
2.2 Formação de palavras em português brasileiro	18
2.2.1 Derivação prefixal.....	19
2.2.1.1 Prefixação com base livre.....	21
2.2.1.2 Prefixação com base presa.....	21
2.2.1.3 Prefixação: derivação ou composição?.....	21
2.2.1.4 Prefixação em mudança de classe.....	22
2.2.1.5 Prefixóides.....	23
2.2.1.6 Prefixos homófonos.....	23
2.2.1.7 Prefixos concorrentes.....	23
2.2.2 Derivação sufixal.....	24
2.2.2.1 Formações sufixais com base livre.....	26
2.2.2.2 Sufixos homófonos.....	27
2.2.2.3 Sufixos concorrentes.....	28
2.2.2.4 Sufixos categoriais e significativos.....	28
2.2.2.5 Formações sufixais com base presa.....	29
2.2.3 Composição.....	30
2.3 A relação entre morfologia e fonologia	33
2.3.1 Constituintes prosódicos.....	33
2.3.2 Sílaba.....	34
2.3.3 Teoria da sílaba.....	34
2.3.4 Sílabas leves e pesadas.....	35
2.3.5 Condições universais de silabação.....	36
2.3.6 A seqüência de sonoridade.....	37
2.3.7 A sílaba em português.....	37
2.3.8 Os filtros.....	38
2.3.9 A palavra fonológica.....	39
2.4 Aquisição da linguagem	39
2.4.1 Definição de aquisição da linguagem.....	39
2.4.2 A visão de Chomsky sobre a aquisição da linguagem.....	40
2.4.3 Os primeiros estágios da linguagem.....	41
2.4.4 Aquisição morfológica.....	43
2.4.5 Desenvolvimento lexical e formação de palavras.....	46

2.4.6 Convencionalidade e contraste.....	46
2.4.7 Acréscimo de palavras ao vocabulário inicial.....	47
3 METODOLOGIA.....	50
3.1 A coleta de dados nos bancos de fala infantil.....	50
3.1.1 Etapas da coleta de dados no CEAAL e DELICRI.....	51
3.2 Coleta de dados dos adultos.....	51
3.2.1 A busca no vocabulário dicionarizado do PB.....	52
3.2.2 A busca no VARSUL.....	52
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	53
4.1 Frequência geral dos processos de formação de palavras na fala infantil.....	53
4.2 Prefixação.....	55
4.2.1 Prefixo <i>des-</i>	56
4.2.2 Prefixo <i>re-</i>	57
4.3 Sufixação.....	58
4.3.1 Sufixo <i>-inho/zinho</i>	60
4.3.2 Sufixo <i>-eiro</i>	60
4.3.3 Sufixo <i>-ado</i>	61
4.3.4 Sufixo <i>-mento</i>	61
4.3.5 Sufixo <i>-dor</i>	62
4.3.6 Sufixo <i>-oso</i>	62
4.3.7 Sufixo <i>-ão</i>	63
4.4 Composição.....	64
4.4.1 Composto N + A.....	65
4.4.2 Composto N + p + N.....	66
4.4.3 Composto V + N.....	67
4.4.4 Composto N + N.....	67
4.4.5 Composto Num + N.....	68
4.4.6 Composto Num + p + N.....	68
4.4.7 Composto V + V.....	68
4.4.8 Composto A + p + N.....	69
4.4.9 Composto N + p + N + A.....	69
4.5 A língua-alvo.....	69
4.5.1 Análise no dicionário Aurélio Eletrônico.....	70
4.5.2 A busca no VARSUL.....	72
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	78
ANEXOS.....	80

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Produção de prefixos, sufixos e compostos.....	54
Tabela 2: Prefixos encontrados na fala infantil.....	55
Tabela 3: Produção de derivações sufixais.....	58
Tabela 4: Compostos registrados na fala infantil.....	64

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Processos de formação de palavras encontrados na fala infantil.....	54
Gráfico 2: Número de ocorrências de prefixos.....	55
Gráfico 3: Distribuição dos sufixos.....	59
Gráfico 4: Distribuição dos compostos.....	65
Gráfico 5: Formações prefixais na fala infantil e dicionarizadas.....	71
Gráfico 6: Formações sufixais na fala infantil e dicionarizadas.....	72
Gráfico 7: Formações prefixais encontradas na fala infantil e no VARSUL.....	73
Gráfico 8: Formações sufixais encontradas na fala infantil e no VARSUL.....	74

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é contribuir para os estudos sobre aquisição da linguagem, especificamente sobre aquisição da morfologia. Neste trabalho, assumimos a perspectiva gerativista, de base chomskiana, no que concerne à concepção de conhecimento internalizado e de gramática. O que entendemos, aqui, como conhecimento lingüístico, pode ser formalizado a partir do conceito de gramática. Essa gramática está organizada em submódulos: fonológico, morfológico, sintático e semântico.

Este trabalho, almejando adequação descritiva, olha para o submódulo morfológico, com o intuito de investigar a aquisição da morfologia por crianças de 2:0 a 7:0 anos de idade. Com maior especificidade, investigaremos a ordem de aquisição de morfemas derivacionais e compostos, a tipologia e produtividade dos mesmos. Após, compararemos a linguagem infantil com a adulta quanto à proporcionalidade do uso destes processos.

Para tanto, procedemos à descrição de afixos derivacionais e compostos através da audição das fitas, transcrição, organização e tabulação dos dados. Por fim, procedemos à análise. Nos debruçamos, para tal objetivo, sobre uma amostra de 62 crianças (31 meninos e 31 meninas), com idades entre 2:0 e 7:0, divididas em intervalos de 2 meses e com desenvolvimento fonológico normal.

Os dados que fazem parte do presente estudo pertencem aos seguintes bancos: AQUIFONO, que pertence ao CEAAL (PUCRS e UCPel), DELICRI (UFRGS), Dicionário Aurélio Eletrônico (versão 3.0) e VARSUL (UFRGS, PUCRS, UFSC e UFPR). Após a análise dos dados, realizamos a comparação da linguagem infantil com a linguagem adulta, para averiguar se os afixos e compostos que aparecem na fala infantil são usados por adultos com a mesma proporcionalidade.

Os resultados obtidos revelaram o que segue.

- O aumento de prefixos, sufixos e compostos foi verificado na passagem da primeira para a segunda faixa etária. Além disso, os compostos mostraram progressão moderada.

- Os afixos e compostos utilizados pelas crianças respeitam aspectos de uso, relacionado ao *input* recebido pelos pais.

- Quanto ao *status* prosódico, a hipótese de que afixos que são palavras fonológicas surgem primeiro na linguagem infantil, parece não poder ser confirmada pelos dados.

- No que se refere à produtividade dos afixos e compostos, verificamos que os prefixos, sufixos e compostos mais usados pelas crianças são também produtivos na língua portuguesa.

ABSTRACT

The goal of this research is to contribute to the studies of Language Acquisition, concerning, specifically, morphology acquisition. In this work, we assume the Chomskyan Generativist perspective, taking into consideration both the conception of internalized knowledge and grammar. What we understand here as linguistic knowledge may be formalized based on the concept of grammar. This grammar is organized in submodules: phonological, morphological, syntactic and semantic submodules.

This article, which aims at obtaining descriptive adequacy, looks at the morphological submodule in order to investigate the acquisition of morphology by children between 2 and 7 years old. We particularly intend to investigate the order of acquisition of derivational morphemes and compound words, their typology and productivity. Then we compare children's to adult's language in order to verify the proportionality in the use of these processes.

For that, we proceed to the description of derivational affixes and compound words through listening to K7 tapes, transcribing, organizing and tabulating the data. At last, we proceed to our analysis. We analyzed a sample of 62 children (31 boys and 31 girls) between the ages of 2 and 7 years old. They were divided by intervals of two months in age and had normal phonological development.

The collected data was obtained from the following databases: AQUIFONO, which belongs to CEAAL (PUCRS and UCPel), DELICRI (UFRGS), Aurélio Eletronic Dictionary (version 3.0) and VARSUL (UFRGS, PUCRS, UFSC and UFPR). After analyzing the data, we compared the children's language to the adult's language in order to verify if the affixes and the compound words collected from the children are used by the adults with the same proportionality.

The obtained results revealed what follows:

- The increase in the use of prefixes, suffixes and compound words was observed between the two age groups. Besides, the compound words showed a moderate increase in use.
- The affixes and compound words used by the children follow aspects of usage present in the input received from their parents.
- In relation to the prosodic status, our hypothesis that affixes that are phonological words are used at first place in children's language could not be confirmed.

- Concerning the productivity of the affixes and compound words, we observed that the children's most used prefixes, suffixes and compound words are also productive in Brazilian Portuguese.
- Finally, we noticed that the proportion in use of affixes and compound words by adults is very similar to the use made by children.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho está vinculado à linha de pesquisa "Fonologia e Morfologia" do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS.

A presente pesquisa, ao se inserir nessa área, vem ampliar o escopo dos estudos sobre aquisição da linguagem, especificamente sobre aquisição da morfologia.

Neste trabalho, assumimos a perspectiva gerativista, de base chomskiana, no que concerne à concepção de conhecimento internalizado e de gramática.

Para Chomsky, a ciência lingüística deve almejar adequação explicativa, ou seja, deve dizer sobre o conhecimento que o ser humano tem da linguagem. O autor admite, contudo, que a adequação explicativa está associada à adequação descritiva, pois é preciso que o objeto em análise seja amplamente mapeado, a fim de possibilitar generalizações mais seguras.

O que se entende, aqui, como "conhecimento lingüístico", pode ser formalizado a partir do conceito de "gramática": o conjunto de princípios e parâmetros (ou regras e restrições) que governam o funcionamento da linguagem humana. Essa "gramática", na concepção gerativista, está organizada em submódulos: fonológico, morfológico, sintático e semântico.

Esse conhecimento sobre o funcionamento de uma língua, dominado por falantes adultos, é gradativamente adquirido pela criança, à medida que ela contrasta o *input* que recebe com a Gramática Universal (GU). No processo de aquisição da linguagem, portanto, o lingüista encontra pistas sobre o que é próprio de línguas particulares e o que corresponde ao conhecimento lingüístico inato à espécie humana - daí a importância em estudá-lo.

Este trabalho, almejando adequação descritiva, olha para o submódulo morfológico, com o intuito de mapear a aquisição de morfemas derivacionais e compostos por crianças de 2:0 a 7:0 anos.

Na seqüência, são apresentados a justificativa, os objetivos e as hipóteses que norteiam esta pesquisa.

1.1 Justificativa

A partir da década de 70 são intensificados os estudos dentro da área de aquisição da linguagem. No Brasil, a PUCRS e a UCPel vêm se destacando desde a década de 80 pela realização de pesquisas, principalmente na área de aquisição da fonologia. O Centro de

Estudos sobre Aquisição e Aprendizagem da linguagem – CEAAL (PUCRS) e o Mestrado em Letras da UCPel contam com três bancos de dados com o objetivo de aprofundar os estudos sobre aquisição da linguagem normal e com desvios. Entretanto, existem poucos estudos referentes às outras áreas da linguagem, como a sintaxe e a morfologia. É nessa lacuna que se insere nossa investigação. Abordando o subsistema morfológico, pretendemos descrever o desenvolvimento da linguagem infantil no que se refere a aquisição de morfemas derivacionais e compostos e, com isso, contribuir para os estudos de aquisição, além de oferecer base para estudos em áreas aplicadas da Linguística.

Nos itens seguintes, descreveremos os principais objetivos que norteiam nossa pesquisa.

1.2 Objetivo Geral

- Contribuir, a partir da descrição da aquisição de afixos derivacionais e compostos por crianças de 2:0 a 7:0 anos de idade, para a explicitação do processo de aquisição da morfologia.

1.3 Objetivos Específicos

- Investigar a ordem de aquisição de afixos derivacionais e compostos, no PB, por crianças de 2:0 a 7:0 anos de idade.

- Descrever a tipologia de afixos derivacionais e compostos adquiridos nesta fase.

- Refletir sobre a aquisição da palavra fonológica, a partir da tipologia de morfemas adquiridos nesta fase.

- Averiguar a produtividade dos afixos encontrados na fala infantil.

- Comparar a linguagem infantil com a linguagem adulta, no intuito de verificar se os afixos e compostos que aparecem na fala infantil são usados por adultos na mesma proporcionalidade.

1.4 Hipóteses

- A ordem de aquisição da morfologia derivacional e de compostos é crescente em termos de frequência de uso, de acordo com a faixa etária.

- A tipologia de afixos e de compostos que aparecem na fala da criança é condicionada por aspectos de uso.

- Afixos que são palavras fonológicas independentes são adquiridos mais cedo.

- As crianças de 2:0 a 7:0 anos utilizam-se de afixos e de tipos de compostos considerados produtivos, isto é, afixos e tipos de compostos que contribuem para a formação de novos vocábulos em Português Brasileiro (doravante PB).

- Os afixos e os compostos que aparecem na fala infantil são usados por adultos com a mesma proporcionalidade.

Para dar conta dos objetivos e das hipóteses aqui mencionadas, este trabalho, a partir daqui, organiza-se como segue: no capítulo 2, apresentamos os fundamentos teóricos de que nos utilizamos em nosso estudo; no capítulo 3, apresentamos a metodologia empregada na pesquisa; os resultados e a análise estão no capítulo 4; no capítulo 5, por fim, estão nossas considerações finais.

2 REVISÃO TEÓRICA

Neste capítulo são apresentados os principais pressupostos teóricos desta dissertação. Na seção 2.1, estão as bases da morfologia; em 2.2, descrevemos os principais processos de formação de palavras em PB; em 2.3, procuramos explorar a relação entre morfologia e fonologia; por fim, em 2.4, tratamos do processo de aquisição da linguagem pela criança.

2.1 Morfologia

Segundo Fromkim & Rodmann (1993), a Morfologia analisa a estrutura interna das palavras, ou ainda, trata da forma das mesmas. Além disto, prevê as regras que determinam a formação das palavras. A estrutura interna das palavras é constituída de elementos associados e uma das tarefas da morfologia será a de identificá-los. Estes elementos constituem as menores unidades formais dotadas de significado e, por isso, se denominam morfemas. Todo morfema se compõe de um ou vários fonemas, e destes difere, fundamentalmente, pelo fato de apresentar significado.

Na constituição do termo morfologia, Monteiro (1986) destaca que podemos identificar os seguintes elementos [morf(o)] e [logia], do gr. *Morphe*=forma e *logía*=estudo. Desta forma, morfologia é a parte da gramática que descreve a forma das palavras.

Segundo o autor, a morfologia tem por objeto de estudo:

- a forma interna das palavras (sua estrutura);
- a relação formal entre palavras;
- os princípios que regulam a formação de novas palavras.

2.1.1 Morfema

Morfemas caracterizam-se por serem as menores unidades formais dotadas de significado da língua (Monteiro, 1986). Já que a morfologia estuda a estrutura interna das palavras e esta estrutura é formada de unidades associadas, uma das tarefas do morfólogo é identificar estes elementos. O autor cita as seguintes características dos morfemas:

- os morfemas são as partes mínimas das emissões lingüísticas que contêm um significado individual;

- um morfema é o elemento mínimo no sistema de expressão que pode ser correlacionado diretamente com alguma parte do sistema do conteúdo;

- um morfema pode ser caracterizado como unidade gramatical mínima distintiva, uma subunidade da palavra, que não pode ser significativamente subdividida em termos gramaticais.

Rosa (2005) define morfema da seguinte forma: “Morfema é uma forma recorrente (com significado) que não pode ser analisada em formas recorrentes (significativas) menores.”

Fromkim & Rodman (1993), afirmam que morfema é o termo tradicional para se referir à parte fundamental de uma forma gramatical. Verifica-se uma união arbitrária de um som com um significado, não podendo ocorrer sua divisão em unidades menores. As palavras da língua, portanto, são formadas por um ou mais morfemas. Desta forma, o argumento de que as palavras constituem elementos básicos de significado de uma língua não é verdadeiro, pois algumas palavras são constituídas pela ligação de unidades distintas de significado. Como exemplos podemos citar os vocábulos *recolonização*, *desengarrafadas*, *casamento*, *pezinho* etc.

Segundo Katamba (1993, p. 19-20), o termo morfema é usado para se referir à menor unidade de significado, às unidades indivisíveis de conteúdo semântico ou funções gramaticais, que formam as palavras. A afirmação, entretanto, de que as palavras têm uma estrutura causa surpresa, visto que normalmente os falantes vêem as palavras como unidades indivisíveis de significado. Isto provavelmente deve-se ao fato de que muitas palavras são morfologicamente simples, como, por exemplo, *mar*, *sol*, *mesa*, *bota* etc. Estas palavras, portanto, não podem ser divididas em unidades menores, portadoras de significado, pois são morfologicamente simples. As unidades que compõem estas palavras isoladamente são destituídas de significado. O autor faz, ainda, a analogia entre os morfemas e as peças de um jogo. Os morfemas, segundo o autor, são peças que podem ser utilizadas diversas vezes para construir diferentes palavras.

Zanotto (1986) caracteriza o morfema como unidade mórfica mínima de que se compõe o vocábulo. O morfema, obrigatoriamente, é portador de alguma significação ou função gramatical. Nas palavras “*mar*”, “*sol*”, “*mesa*”, “*bota*” percebemos que partes destes vocábulos como “*mes-*” e “*bot-*” não apresentarão nenhuma significação sozinhos. São apenas fragmentos de palavras que não interessam ao campo da morfologia.

2.1.2 Base

Segundo Rocha (2003), a base caracteriza-se como uma seqüência fônica recorrente, a partir da qual se forma uma nova palavra. A partir da base, percebemos se um vocábulo é morfologicamente complexo.

Assim, no processo de derivação, temos a formação de um produto (P), a partir de uma base (B).

As bases podem ser livres ou presas. As bases presas só funcionam ligadas a outras, como, por exemplo, *pro-*, de *proscreever*, *prometer*, *agr-*, de *agrário*, etc. Prefixos e sufixos são formas presas. A fim de ilustrarmos melhor o que é base presa, observemos as seguintes relações paradigmáticas:

<i>Livro</i>	<i>livraria</i>	<i>livreiro</i>
<i>Pão</i>	<i>padaria</i>	<i>padeiro</i>
<i>Queijo</i>	<i>queijaria</i>	<i>queijeiro</i>
<i>Relógio</i>	<i>relojoaria</i>	<i>relojoeiro</i>

Conforme podemos observar nos exemplos acima, identificamos na segunda coluna um elemento recorrente, que acrescenta à base um significado de “estabelecimento comercial ou industrial relacionado a X”: trata-se do sufixo *-aria*. Na terceira coluna, é também possível reconhecer o sufixo *-eiro*, formador de agentivos.

No que se refere às bases presas, também observamos o seguinte.

- As bases presas podem apresentar alomorfes: *gastr-*, *gastro*; *graf-*, *grafo*; *agr-*, *agri-*.

- Às bases presas podem ser anexados sufixos: *escot -ismo*, *gástr -ico*, *agr- ário*, *antrop -óide*; outras bases presas *gastr-ônomo*, *geo -logia* ou bases livres *agri-cultura*, *bio-degradável*, *eco-xiita*.

- As bases presas também podem aparecer como segundo elemento da composição:

BASE PRESA	SENTIDO	EXEMPLOS
<i>-cida</i>	que mata	<i>formicida</i> , <i>fungicida</i>
<i>-gam (ia)</i>	casamento	<i>poligamia</i> , <i>bígamo</i>
<i>-log (ia)</i>	tratado, ciência	<i>geologia</i> , <i>antropologia</i>

As bases livres, ou seja, bases que constituem palavras da língua, podem funcionar isoladamente como comunicação eficiente. Geralmente, formam-se novas palavras na língua a

partir de bases livres. Analisemos as palavras a seguir, que ilustram bases livres: *teatro*, *mexer*. A partir delas, podemos formar outras palavras, pelo acréscimo de bases presas, gerando um produto a partir da base, tais como *teatral* e *imexível*, respectivamente.

Os conceitos de base e produto estão relacionados com o que se passa na mente dos falantes, ou seja, estão ligados com a intuição que o falante tem de palavra primitiva e derivada. De fato, criam-se novas palavras com base em palavras já existentes na língua e não pela junção de raízes a prefixos, sufixos, desinências, vogais temáticas, etc como preconizava a lingüística estrutural.¹

2.1.3 Raiz

Raiz é o morfema comum a várias palavras de um mesmo grupo lexical, portador da significação básica desse grupo de palavras (Rocha, 2003). Assim, em *claro*, *clarear*, *aclarar*, *esclarecer*, *esclarecimento* e *clarividência*, a raiz é *clar-*. Em *tom*, *tonal*, *tonicidade*, *entoar*, *desentoar*, a raiz é *tom* (com a variante *to-*). Vejamos, a seguir, exemplos de outros grupos lexicais e suas raízes:

Raiz: Estud-	estudar, estudo, estudante, estudantil, reestudar
Raiz: Quebr-	quebrar, quebra, quebradeira, requebrar

2.1.4 Radical

Radical constitui a parte da palavra que está presente em todas as formas de uma mesma palavra. Também é chamada de forma lexical. Para se encontrar o radical de uma palavra, flexiona-se o nome em gênero e número, e o verbo em pessoa, número, tempo, modo e aspecto. A parte da palavra comum às variações de flexão é o radical.

Cada palavra, portanto, tem o seu radical específico que pode coincidir, ou não, com a raiz ou radical de outras palavras. Como exemplo em que raiz e radical coincidem, podemos citar o radical '*bel-*'. A distinção entre esses termos só adquire importância quando consideramos radicais já derivados (secundários, terciários, etc), como 'embelezamento', que já está constituído de prefixo (*em-*) e sufixo (*-mento*). Vejamos a seguir alguns exemplos de radical.

¹ 'Base' não pode ser entendida como um morfema discreto (como raiz, prefixo ou sufixo) porque sua existência está condicionada a um processo específico de formação de palavras.

ITEM LEXICAL	RADICAL
<i>Teatro</i>	<i>teatro</i>
<i>Menino</i>	<i>menin-</i>
<i>Belo</i>	<i>bel-</i>
<i>Esclarecer</i>	<i>esclarec-</i>
<i>Soltar</i>	<i>solt-</i>
<i>Apalavrado</i>	<i>apalavrad-</i>

2.2 Formação de palavras em português brasileiro

A língua apresenta alguns mecanismos lingüísticos através dos quais é possível formar novas palavras. Segundo Rocha (2003), este mecanismo lingüístico denomina-se Processo de Formação de Palavras, ou seja, o motivo pelo qual os morfemas se combinam de uma ou outra maneira deve-se ao fato de existirem em todas as línguas regras morfológicas. Estas regras indicam como os afixos podem ou não se combinar como intuito de formar novas palavras. No decorrer deste trabalho, nos aprofundaremos em dois dos principais processos produtivos de formação de palavras no português: a derivação e a composição. Os vocábulos, no PB, segundo Silva e Koch (1995), apresentam as seguintes possibilidades estruturais (são compostos de):

1. Apenas um morfema lexical: *sol, mar, feliz*.
2. Morfema lexical + (vogal temática) + (morfemas flexionais): *alun-a-s, part-í-sse-mos, not-a-ram*.
3. Morfema lexical + morfemas derivacionais (+/-) (morfemas flexionais):
 - 3.1. Prefixo (s) + morfema lexical (+/- vogal temática) (+/- morfemas flexionais): *in-feliz, in-apt-o-s, des-em-palh-a-r*.
 - 3.2. Morfema lexical + sufixo (s) (+/- vogal temática) (+/- morfemas flexionais): *mur-alh-a, habitu-al, levanta-ment-o,menin-a-zinh-a-s*.
 - 3.3. Prefixo (s) + morfema lexical (+/- elemento de ligação) + sufixo (s) (+/- vogal temática) (+/- morfemas flexionais): *in-feliz-mente, re-prova-ção, des-contenta-ment-o-s*.
4. Morfema lexical (+/- vogal temática) (+/- morfemas flexionais) + morfema lexical (+/- vogal temática) (+/- morfemas flexionais): *couve-flor, terç-a-s-feir-a-s, pé-s-de-molequ-e*.

Analisando os modelos de vocábulos acima apresentados, podemos determinar os processos de formação de vocábulos em português. Os itens 1 e 2 tratam de formas simples e

primitivas. O item 3 constitui-se de vocábulos simples, porém derivados. Finalmente, os vocábulos do item 4 são vocábulos compostos, já que apresentam mais de um morfema lexical.

Desta forma, para uma análise sincrônica dos mecanismos usados no processo de formação de palavras, considerar-se-á a existência de palavras simples e compostas, de acordo com a existência de um ou mais morfemas lexicais. As palavras simples dividem-se em primitivas e derivadas. As primitivas constituem-se apenas de um núcleo, seguidos ou não de morfemas flexionais. As derivadas, além do núcleo, possuem morfemas derivacionais, utilizando-se das primitivas para a sua formação (Monteiro, 1986).

Os principais processos de formação de novas palavras da língua portuguesa e que serão explorados neste trabalho são a derivação e a composição. A derivação se caracteriza pela formação de palavras, por meio de afixos agregados a um morfema lexical. Já na composição, a formação de palavras ocorre através da combinação de vocábulos já existentes, dando origem a um novo conceito.

Vejam os itens a seguir alguns conceitos importantes que são pertinentes a nossa análise.

2.2.1 Derivação prefixal

A derivação prefixal é um processo de criação lexical que consiste na formação de uma nova palavra através do acréscimo de um prefixo a uma base já existente (Rocha, 2003). Os prefixos constituem seqüências fônicas recorrentes que se colocam à esquerda de uma base, com o objetivo de se formar uma nova palavra. Todo prefixo, assim como todo sufixo, caracteriza-se pelo fato de ser uma forma presa. Os prefixos, no PB, apresentam as seguintes características:

- não constituem uma base;
- afixam-se à esquerda de uma base;
- participam da formação de novas palavras, ou seja, a presença dos prefixos caracteriza uma palavra derivada;
- não mudam a classe gramatical das bases a que se ligam;
- não mudam o acento da palavra a que se ligam (ainda que possam, contudo, ser auto-acentuados).

Monteiro (1986) define os prefixos como “elementos que aparecem antes da raiz, modificando o significado do vocábulo primitivo.” Além das características citadas acima, o autor coloca alguns aspectos importantes referentes aos prefixos:

- Destacam-se facilmente e, ao destacarem-se, em geral sobra uma palavra única.

Exemplos: *des+aparecer; in+feliz, re+mexer.*

- A sua presença altera o significado do radical. Por exemplo, se pegarmos a palavra *validez* e lhe antepusermos o elemento [*in*], a idéia de negação afetará semanticamente o vocábulo primitivo, já que *invalidéz* será o oposto de *validez*.

- A presença dos prefixos não serve para indicar a classe gramatical dos vocábulos.

No PB, o gênero e o número não são marcados através de prefixos.

Exemplos:

(Masc.) cantor → *acantor (fem.)

(sing.) altar → *saltar (pl.)

Alguns prefixos, no entanto, podem adquirir *status* de palavras, ou seja, funcionam como formas livres, por exemplo, *pré-*, *pós-*, *extra-* etc. Vejamos alguns exemplos de formas livres:

- Ana Paula vai para o *pré* à tarde. (escolar);
- Tiago resolveu fazer um *pós* (pós-graduação);
- Fabiano fará uma aula *extra* (ordinária).

O fato de existirem formas livres contradiz, de certa forma, a própria característica do prefixo, que é justamente o fato de ser preso (ligado) a uma raiz.

No que se refere ao *status* prosódico, Schwindt (2000) discutiu em sua tese de doutorado o prefixo no português brasileiro (PB), sob a perspectiva de Nespor e Vogel (1986). O comportamento fonológico ambíguo dos prefixos no PB suscita o seguinte questionamento: seria ele uma palavra fonológica independente ou não haveria outro *status* de uma sílaba átona que se afixa à esquerda de uma base? Schwindt propõe uma redistribuição dos prefixos em composicionais e legítimos, admitindo que os primeiros têm estruturas de vocábulos fonológicos independentes e que os segundos caracterizam-se como sílabas átonas afixadas a uma base.

Esta hipótese é sustentada pelos seguintes argumentos: acento e oposição forma livre/forma presa.

Os Prefixos Composicionais (PC's), à semelhança de palavras, podem receber o acento e podem se estabelecer como formas livres. Exemplo: “Fábio encontrou sua *ex* (*ex-namorada*) no supermercado” e “Ana matriculou-se num *pós* (curso de *pós-graduação*)”.

Os Prefixos Legítimos (PL's), à semelhança dos clíticos, não podem receber acento e não podem existir como formas livres. Exemplos: *desleal, releitura*.

Nos itens a seguir, discutiremos questões relativas à prefixação, embora esta tenha um caráter menos complexo do que a derivação sufixal.

2.2.1.1 Prefixação com base livre

Prefixação com base livre é aquela que funciona como uma palavra na língua. Prefixos podem se juntar a bases presas ou livres. Como exemplos de ocorrência de bases livres, podemos citar:

<i>Reinaugurar</i>	(inaugurar)
<i>Anti-aéreo</i>	(aéreo)

As formações com bases livres são muito produtivas na língua. A transparência morfológica e semântica da base livre favorece o aparecimento de inúmeros casos de derivação prefixal.

2.2.1.2 Prefixação com base presa

Inúmeras palavras são formadas em português através do acréscimo de prefixos a bases presas. Apesar de as bases presas não apresentarem autonomia vocabular, podem combinar com mais de um prefixo, como podemos ver nos exemplos a seguir.

Agredir	impelir	regresso
Progredir	repelir	ingresso
Regredir	compelir	progresso

2.2.1.3 Prefixação: derivação ou composição?

Surge a seguinte questão: a prefixação é um processo de derivação ou composição de palavras? Formações do tipo *reler, pré-eleitoral, decompor* e *infeliz* são consideradas como derivação, pelo fato de apresentarem a estrutura prefixo + base:

$[re- \text{ pref } [ler]_v]_v$
$[pré- \text{ pref}[eleitoral]_A]_A$
$[com- \text{ pref}[pôr]_v]_v$

Nos vocábulos *sobreviver*, *conviver* e *contradizer*, observamos a presença de derivações, uma vez que neles também se constata a existência de *prefixo + base*. No entanto, alguns autores, como Câmara Júnior (1964), afirmam que em casos como este não deveríamos falar em derivação, mas em composição, já que elementos como *sobre*, *com* e *contra* são palavras da língua, ou seja, podem funcionar isoladamente.

A seguir são destacados dois argumentos que nos levam a considerá-los como formações derivadas, e não como formações compostas:

- Os lexemas compostos caracterizam-se pelo fato de apresentarem mais de uma raiz. *Sobre*, *com* e *contra*, apesar de serem palavras, não apresentam raiz. São formas dependentes. Logo, *contradizer* não é composto, já que apresenta apenas uma raiz.

- Para a apresentação do segundo argumento, consideremos as seguintes sentenças:

a) *Ela não pode **conviver com** os pais.*

b) *Ela **sobrevive** andando **sobre** as águas.*

Em (a) *com-* e *con-* são entradas lexicais diferentes, do mesmo modo que *sobre-* e *sobre*, em (b). *Com-* é uma forma presa (prefixo) e *con-* é uma forma dependente. Constituem itens lexicais distintos, que apresentam funções diferentes. Assim, palavras com funções distintas são palavras diferentes.

2.2.1.4 Prefixação e mudança de classe

Existem muitos casos em que, em decorrência da necessidade de mudança categorial, surge um novo vocábulo prefixado na língua. O processo de mudança categorial torna-se mais rico e complexo na sufixação, se o compararmos com a prefixação.

Geralmente, quando se anexa um prefixo a uma base, não ocorre a mudança de classe. Aliás, são raras as formações cristalizadas do português em que se dá a transposição de categoria lexical em decorrência da anexação de um prefixo. Como exemplos, podemos citar *prefixo* (pre+fixo) e *disforme* (dis+forma).

Em português, é possível apontar alguns exemplos de formações novas ou recentes em que se dá a transposição de uma categoria lexical para outra, através da prefixação. Vejamos alguns exemplos a seguir.

“Um acontecimento *extrapauta* concentra as atenções dos bispos...”

“Chegando-se ao cúmulo de divulgar notícias *pós-pacto* que na realidade não existiram...”

2.2.1.5 Prefixóides

São “prefixos” que aparecem em uma só palavra. São falsos prefixos, pelo fato de serem irrecorrentes, já que os prefixos são, por definição, recorrentes.

Exemplos de prefixóides são:

Obter	contracenar	conviver
Supor	resguardar	contrair

Em *contracheque*, *contrabaixo*, *contradança*, há três prefixóides distintos, pelo fato de cada um deles ter um sentido especial. Trata-se, na verdade, de prefixóides homófonos.

Como pudemos observar, os prefixóides acrescentaram às bases um sentido único, que não pode ser encontrado em outro prefixo da Língua Portuguesa.

Podemos destacar que nem todos os autores compartilham da noção de “prefixóide”. Schwindt (2000), por exemplo, não se utiliza dessa categoria, já que entende que essa noção está coberta pelo conceito de transparência do morfema em questão.

2.2.1.6 Prefixos homófonos

São aqueles que apresentam a mesma identidade fonológica, mas significações diferentes. São denominados tradicionalmente de prefixos homônimos, por influência de vocábulos homônimos. Apresentam, portanto, a mesma seqüência fonética, mas sentidos ou funções diferentes, como *in*¹- negação e *in*²- movimento para dentro. Vejamos os exemplos a seguir:

*In*¹- negação

Infeliz, injusto, imaturo

*In*²- movimento para dentro

Ingerir, imigrar, imergir

2.2.1.7 Prefixos concorrentes

A concorrência ocorre quando os elementos lingüísticos podem ocupar o mesmo lugar em determinada estrutura da língua. A rigor, não há prefixos concorrentes, mas regras concorrentes.

Os prefixos, portanto, só serão considerados concorrentes se as bases pertencerem às mesmas categorias lexicais. Exemplos:

Negação, sentido contrário: *des-/in-(i-)*

Desleal, desnecessário, infiel, ilegal.

Posição superior: *super-/epi-*

Super-homem, superposição/epiderme, epígrafe.

Movimento para dentro: *in-(em)/intro-*

Ingerir, importar, embarcar/introduzir, intrrometer.

2.2.2 Derivação sufixal

Neste capítulo, abordaremos a derivação sufixal, que é, sem dúvida, o processo de formação de palavras mais rico e diversificado do PB, sendo assim, o mais acionado pelos falantes.

Conforme afirma Monteiro (1986), os sufixos são elementos significativos que aparecem após a raiz de uma palavra. Também se usa o termo para fazer referência ao elemento lingüístico que, numa dada palavra, antecedendo as desinências gramaticais e/ou flexionais, tem como função a integração da referida palavra dentro de um campo semântico particular. O autor sugere as seguintes características referentes aos sufixos.

- Não se destacam sempre com muita facilidade. Por exemplo, em *condutor*, haverá dúvidas no destaque do sufixo. Haverá dúvidas entre [*tor*] e [*or*]. Para acabar com a divergência, se desenvolverá uma cadeia de oposições entre formas aparentadas até se concluir que o sufixo é realmente [*or*], por causa de *condutor*.

- Depois do destaque resta somente um pedaço da palavra. Ex.: *barb+[udo]*; *pedr+[eiro]* e *animal+[zinho]*..

- Não mudam fundamentalmente o significado do radical.

Ex.:

Livr-o + [aria]

+ [*eiro*]

+ [*inho*]

+ [*eto*]

+ [*esco*]

O radical [*livr*] guarda em todas as designações o mesmo significado, apenas especializado pelos diversos sufixos que recebeu.

- Diferentemente dos prefixos, podem indicar as categorias gramaticais dos vocábulos:

moç + [a] (categoria de gênero)

mãe + [s] (categoria de número)

so + [mos] (categoria de número e pessoa)

fo + [sse] (categoria de modo e tempo)

A sufixação pode ser caracterizada como um tipo de derivação que consiste na anexação de um sufixo a uma base (Rocha, 2003). São, a exemplo dos prefixos, formas presas. Logo, não faz sentido, em princípio, o uso isolado do sufixo. Morfemas como *-udo* (de barbudo), *-eiro* (de doleiro) e *-dor* (de animador), por exemplo, são abstrações desnecessárias, se estudadas isoladamente; *-zinho* ou *-mente*, todavia, podem aparecer, raras vezes, em construções isoladas.

Os sufixos, no PB, apresentam as seguintes características:

- não constituem uma base;
- afixam-se à direita de uma base;
- participam da formação de novas palavras, ou seja, a presença dos sufixos caracteriza uma palavra derivada;
- podem mudar a classe gramatical das bases a que se ligam;
- podem mudar o acento da base a que se ligam, já que, no caso do português, são alocados na pauta acentual (penúltima sílaba).

No que se refere à função gramatical, há dois tipos de sufixos: os sufixos que formam novas palavras são denominados derivacionais ou lexicais. Já os que permitem que os vocábulos variem em gênero e número (nomes) ou em modo, tempo, número e pessoa (verbos) são chamados flexionais.

Os sufixos derivacionais apresentam as seguintes características.

- Produzem novas palavras, desde que sejam acrescentados os sufixos adequados. Em outras palavras, podemos criar inúmeras palavras através de formas livres.

- Não se aplicam a todas as palavras existentes na língua (assistemáticos). Exemplo: *barriga – barrigudo*, mas seriam estranhas as seguintes formações: **calcanharudo*, **umbigudo*, **palpebrudo*.

Já os sufixos flexionais se identificam pelas seguintes características.

- Não criam novos vocábulos. Exemplo: *belo, bela, belos, belas* são quatro formas do mesmo vocábulo. *Conhecerá e conhecemos* não constituem verbos distintos de *conhecer*. Apenas as noções gramaticais de tempo e pessoa variam.

- São sistemáticos, ou seja, aplicam-se a todas as palavras. O morfema [s] do plural se aplica a qualquer substantivo ou adjetivo.

- Sujeitam-se a vínculos de concordância (número-pessoal e modo temporal). Ex.: Se analisarmos a seguinte frase “*O mulheres feio parece bonita quando estariam bem vestido*”, veremos que não se enquadra na gramática portuguesa por causa da inexistência de concordância. Utilizando adequadamente as concordâncias teríamos: “*As mulheres feias parecem bonitas quando estão bem vestidas.*”

Resumindo, então, sufixo é uma forma presa recorrente, que se coloca à direita da base, caracterizando assim uma palavra derivada. O sufixo diferencia-se da base pelo fato de não apresentar significação e/ou função própria, independente.

Para definirmos se um vocábulo apresenta sufixo ou não, basta verificar se a terminação da palavra aparece em outras formações da língua com o mesmo S/F (significado/função).

A seqüência fônica **-oso** é um sufixo, pois aparece em várias formações com o sentido “provido de X”, “que apresenta X em abundância” e com a função de formar adjetivos, como em *gorduroso, oleoso, charmoso*, etc.

No vocábulo “rústico”, **-ico** é um sufixo, porque tal seqüência fônica é recorrente. Não tem um sentido claro, mas forma adjetivos. Ex.: *bíblico, mítico, fálico* etc.

2.2.2.1 Formações sufixais com base livre

Para iniciarmos o estudo deste item, conceituaremos base livre (Rocha, 2003). Base Livre é aquela que se apresenta como palavra da língua. Dessa forma, o sufixo caracteriza-se como uma forma presa recorrente que se coloca à direita da base, caracterizando-se assim, uma palavra derivada. O sufixo diferencia-se da base pelo fato de não apresentar significação S/F independente. A explicação desta relação só será explicitada se o sufixo estiver anexado a uma base. Portanto, faz sentido falarmos na S/F do produto e não do sufixo isoladamente. Como exemplos, podemos verificar:

<i>jogador</i>	a pessoa que joga
<i>boiada</i>	um conjunto de bois

Quando queremos verificar se um vocábulo apresenta sufixo ou não, devemos verificar se a terminação da palavra aparece em outras formações da língua com a mesma S/F.

Assim, quando apresentamos as seguintes seqüências fônicas (-*eiro*, -*or*, -*agem*), verificamos a presença de sufixos. Vejamos os sufixos apresentados anteriormente e seus respectivos exemplos:

-eiro: *leiteiro, roqueiro, carpinteiro, marceneiro* – sentido: agente.

-or: jogador (-*dor*), interruptor (-*tor*) – sentido: agente ou instrumento da ação.

-agem: *folhagem, aprendizagem, ladroagem* – sentido: noção coletiva, ato ou estado.

O autor afirma que não existem critérios muito claros para se fazer a distinção entre sufixo e base presa (como segundo elemento de composição). Em *cefaléia, cefalalgia* e *encefalite*, -*algia* é considerado pela gramática tradicional como radical (base presa), ao passo que -*éia* e -*ite* são considerados pela mesma como sufixos, apesar de os três elementos serem equivalentes (dor ou inflamação).

2.2.2.2 Sufixos homófonos

Dois ou mais sufixos distintos que apresentam coincidência sob o ponto de vista fonético são denominados de sufixos homônimos, por influência da expressão “vocábulo homônimos”. São sufixos distintos, com duas ou mais entradas lexicais independentes, do mesmo modo como se dá com os vocábulos homófonos. Estes sufixos, portanto, apresentam a mesma seqüência fonética, mas sentidos e/ou funções diferentes, como -*al*¹ e -*al*², de *laranjal* e de *semanal*.

Sufixos	Sentido e/ou função	Exemplos
-al		
-al ¹	Plantação	laranjal, bananal
-al ²	Conjunto, reunião	areal, pantanal
-al ³	Formador de adjetivos	semanal, braçal
-aria		
-aria ¹	Estabelecimento comercial ou industrial	Livraria, carpintaria
-aria ²	Conjunto, reunião	Gritaria, pedraria

2.2.2.3 Sufixos concorrentes

Os sufixos concorrentes caracterizam-se como distintos do ponto de vista fonético, mas apresentando o mesmo sentido e/ou função. Para serem concorrentes, as bases e os produtos precisam pertencer à mesma classe lexical.

Alguns exemplos de sufixos concorrentes serão apresentados.

Sufixos -ista e -eiro: formam substantivos agentivos a partir de substantivos. Constituem exemplos: *florista, frentista, padeiro, lixeiro, farofeiro etc.*

Sufixos -dor e -nte: formam substantivos agentivos a partir de verbos: *pescador, namorador, franqueador, militante, estudante etc.*

Sufixos -mento e -ção: formam substantivos abstratos a partir de verbos: *fingimento, padecimento, terceirização, mexicanização.*

2.2.2.4 Sufixos categoriais e sufixos significativos

Sufixos categoriais são aqueles que mudam a categoria lexical do produto, com relação à base. Como exemplos, podemos citar:

V - S _{-dor}	<i>conquistar</i>	<i>conquistador</i>
V - S _{-mento}	<i>julgar</i>	<i>juízo</i>

Estes mesmos sufixos podem ser significativos e não-significativos.

Os sufixos categoriais são significativos se acrescentam ao sentido da base uma informação acessória:

<i>Conquistar</i>	<i>Conquistador</i>	<i>agente</i>
<i>Seqüestrar</i>	<i>seqüestrável</i>	<i>possibilidade</i>

Os sufixos categoriais são não-significativos se não podemos apontar neles algum componente semântico:

<i>Teatro</i>	<i>Teatral</i>
<i>Feliz</i>	<i>Felicidade</i>

Os sufixos não-categoriais são aqueles que mudam a categoria lexical do produto, com relação à base. São exemplos de sufixos não-categoriais significativos:

<i>S - S-eiro</i>	<i>bicho/bicheiro</i>	<i>agente</i>
<i>S - S-ada</i>	<i>dente/dentada</i>	<i>golpe</i>
<i>A - A-íssimo</i>	<i>lindo/lindíssimo</i>	<i>sufixo superlativo</i>

2.2.2.5 Formações sufixais com base presa

Podemos afirmar, de um modo geral, que palavras novas da língua surgem a partir de palavras já existentes. É o que podemos constatar nos novos itens lexicais que têm sido criados em língua portuguesa. São exemplos: *aidético*, *faficheiro*, *micreiro*, *seqüestrável* etc. No entanto, devemos observar que novas palavras surgem na língua a partir de bases presas. Prefixos e Sufixos são formas presas, ou seja, só funcionam ligadas a outras. A fim de compreendermos melhor o que se entende por base presa, observaremos a seguinte relação paradigmática:

<i>Livro</i>	<i>livraria</i>	<i>livreiro</i>
<i>Pão</i>	<i>padaria</i>	<i>padeiro</i>
<i>Queijo</i>	<i>queijaria</i>	<i>queijeiro</i>
	<i>Olaria</i>	<i>oleiro</i>
	<i>Serralheria</i>	<i>serralheiro</i>

Na segunda coluna podemos identificar um elemento recorrente (*-aria*), que acrescenta à base significado de “estabelecimento comercial ou industrial relacionado a X.” Na terceira coluna é possível identificarmos o sufixo *-eiro*, formador de agentivos. Nos dois últimos exemplos, embora os sufixos sejam evidentes, as relações paradigmáticas existentes no léxico do português remetem-nos a bases que não existem como palavras da língua. No entanto, não podemos duvidar de sua existência. *Ol-* e *Serralh-* são consideradas bases presas.

Conforme exposto no livro *Estruturas Morfológicas do Português* (Rocha, 2003), uma base presa pode ser identificada se o afixo pode ser interpretado morfo-semânticamente como afixo, caso em que, por exclusão, poderemos atribuir identidade morfo-semântica à base.

2.2.3 Composição

Segundo Silva e Koch (1995), a composição pode ser considerada como um processo de formação de palavras que dá origem a novos vocábulos pela combinação de outros já existentes, implicando um novo significado. Através desse processo combinam-se dois morfemas lexicais, operando-se entre eles uma fusão semântica, que pode ser mais ou menos completa. Assim, em *bar-restaurante*, o significado de cada elemento permanece com certa nitidez. Neste composto, estamos nos referindo ao bar que também é restaurante. Já em *guarda-chuva* este significado praticamente desaparece para dar lugar a outro, ou seja, refere-se a um único objeto, com significado específico.

A composição, conforme afirmam as autoras acima citadas, pode ocorrer de duas formas: por justaposição ou por aglutinação.

Na *justaposição*, os vocábulos mantêm a sua autonomia fonética, ou seja, preserva o acento e os fonemas que os integram, por exemplo: *passatempo*, *girassol*, *amor perfeito*, *Jesus Cristo*. Na *aglutinação*, os vocábulos adquirem um único acento, também podendo ocorrer a perda ou a alteração de algum de seus elementos fonéticos (acentos tônicos, vogais ou consoantes), conforme podemos ver em *planalto*, *pontiagudo*, *aguardente etc.* A *aglutinação* só é levada em conta do ponto de vista sincrônico se, através da análise mórfica, for possível a apreensão de dois morfemas lexicais. Assim, não se pode falar em composição se o falante nativo não percebe a existência desses dois lexemas. Isso acontece, por exemplo, em *agrícola* (habitante do campo), *aqueduto* (condutor de água).

Margarida Basílio (1995), que também se dedica ao estudo da morfologia, apresenta, a partir de um estudo sincrônico e baseado na teoria lexical, uma análise de fenômenos possivelmente encontrados no léxico do português. Segundo a autora, a *composição* caracteriza-se pela união de duas bases (livres ou presas), de acordo com a necessidade de expressão de combinações particulares. Como o processo composicional não envolve elementos fixos, não há como pré-estabelecer as funções desses elementos.

A partir da estrutura formada pela junção das bases, determinar-se-á a função sintático-semântica. A união de dois elementos independentes em apenas um pode tanto particularizar, quanto dar origem a uma nova interpretação, desvinculada do significado das partes.

Em seu livro *Morfologia Portuguesa*, José Lemos Monteiro (1986) define como composto o vocábulo formado pela união de dois ou mais semantemas. Os componentes podem estar graficamente ligados (*aguardente*, *passatempo*), hifenizados (*vira-lata*, *franco-*

suíço) ou soltos (*Porto Alegre, Mato Grosso*). A partir daí, o autor coloca um problema básico: distinguir a composição de uma locução.

Como explicação, Monteiro coloca que a composição não permite a permuta entre seus elementos, como também não possibilita a intercalação de determinantes. Vejamos os exemplos a seguir.

a) *O Mato Grosso ainda crescerá muito.*

b) *O mato verde e grosso ainda crescerá muito.*

Na primeira frase (a), não podemos intercalar nenhum elemento, pois se trata de um elemento composto. Já na segunda frase (b), podemos intercalar, já que se trata de uma relação de substantivo para adjetivo.

Monteiro (1986) apresenta outros critérios que caracterizam os compostos.

- Os compostos obedecem a uma ordem fixa de elementos, ou seja, não permitem a troca de posição de seus componentes, visto que, invertendo a ordem dos mesmos, o significado ficará alterado.

- Os compostos não permitem a supressão dos seus componentes, sem que ocorra prejuízo no seu significado. Desta forma fica estranho dizermos: “Vou pegar o meu *guarda*, pois está chovendo!”

- O composto caracteriza-se por ser um sintagma fixo. Este tipo de formação transmite um conceito único, uma unidade semântica, tal como se verifica em *guarda-chuva*, *guarda-roupa*, *papai Noel*, *papai do céu* (=Deus) ou *pista do trem* (=trilho). Desta forma, diferencia-se do sintagma livre, que permite inversão, substituição ou omissão de qualquer termo sem que fique desfigurado.

Ainda no que se refere à distinção entre locução e composição, Câmara Jr. (1970) colocou como critério distintivo a possibilidade da locução permitir a supressão de um dos seus termos, sem prejudicar o que se quer dizer. Na composição, o significado fica prejudicado. Como exemplos podemos citar o que se segue.

a) * *O Mato ainda crescerá muito.*

b) *O mato ainda crescerá muito.*

Podemos citar ainda os exemplos de *guarda-chuva* e *guarda-roupa*. Nestes compostos, não há possibilidade de reduzirmos a um só dos componentes. Se dissermos somente *o guarda*, ou somente *a chuva* ou *a roupa*, o significado mudará totalmente.

Segundo Rocha (2003), a composição é considerada como um processo autônomo de formação de palavras em português, diferente da derivação e da onomatopéia. Juntando

duas bases pré-existentes na língua, o falante pode criar um novo vocábulo, dito composto. A seguir, alguns exemplos de composição:

trem-de-ferro

salário-família

cadeira de balanço

aguardente

café com leite

café da manhã

salada de frutas

cor de rosa

verde clarinho

leite condensado

arco-íris

cai-cai

roupa de colégio

Lee (1997) afirma que os compostos são formados pela concatenação de duas ou mais palavras ou de dois ou mais radicais. O autor coloca, em seu estudo, itens que diferem os compostos do Português Brasileiro da palavra comum. Essas diferenças são expostas a seguir.

- Os compostos podem carregar dois acentos; já a palavra comum carrega só um.

- Os compostos admitem flexões entre constituintes (ou palavras), enquanto as palavras comuns não podem, como em *garotas_s propaganda*.

- Os compostos, diferentemente dos vocábulos derivados, caracterizam-se somente como categorias lexicais [+N]: N, A, Adv, *V, *P.

Os compostos apresentam as seguintes peculiaridades:

- permitem a formação de diminutivo através do acréscimo de sufixo entre constituintes: *guardinha-noturno*.

- podem flexionar mais de uma vez, como podemos ver em *homens-rãs*.

Em sua análise dos compostos do Português do Brasil, Lee (1997) argumenta que existem dois tipos de compostos no PB: Compostos Lexicais e Compostos Pós-Lexicais. Os Compostos Lexicais são formados no léxico e são sintaticamente opacos, ou seja, se comportam como uma unidade em relação a processos morfo-sintáticos, pois não permitem flexão, derivação, nem concordância. Os compostos pós-lexicais são formados no componente pós-lexical e, portanto, sintaticamente transparentes, permitindo flexão, derivação e concordância.

2.3 A relação entre morfologia e fonologia

Nesse capítulo, resumiremos as principais idéias sobre a relação entre morfologia e fonologia.

2.3.1 Constituintes Prosódicos

Iniciaremos este capítulo retomando um dos conceitos básicos da lingüística, o de constituinte. Constituinte pode ser caracterizado como uma unidade lingüística complexa, formada de dois ou mais membros, que instituem entre si uma relação dominante/dominado. Embora cada constituinte pressuponha um cabeça e um ou mais dominados, os constituintes fonológico e sintático ou morfológico apresentam suas próprias regras e princípios.

A importância dos constituintes prosódicos pode ser explicada pelo fato de que sua determinação como domínio de aplicação de regras parece resolver a falta de isomorfismo entre as estruturas fonológicas por um lado e as estruturas morfológicas ou sintáticas por outro (cf. Nespor & Vogel, 1986). Conforme afirmam os autores citados acima, as diferenças básicas provêm do fato de que as regras que constroem a estrutura prosódica não são recursivas, pois o sistema fonológico é finito. Já as regras sintáticas são recursivas, isto é, o sistema sintático não é finito.

A proposição de constituintes prosódicos segue a seguinte hierarquia, orientada pelo trabalho de Nespor & Vogel (1986):

Hierarquia Prosódica	
enunciado	U
frase entonacional	I
frase fonológica	ϕ
grupo clítico	C
palavra fonológica	ω
pé	Σ
sílaba	σ

Conforme Nespor & Vogel (1986, apud BISOL 2001), os princípios que regulam a hierarquia prosódica são os seguintes:

- i) cada unidade da hierarquia prosódica é formada por uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa;
- ii) cada unidade está exaustivamente contida na unidade imediatamente superior de que faz parte;
- iii) os constituintes são estruturas n-árias;
- iv) a relação de superioridade relativa, que se estabelece entre nós irmãos, é tal que a um só nó se atribui o valor forte (s) e a todos os demais o valor fraco (w).

Conforme colocam Nespor & Vogel (1986), os constituintes prosódicos estão sujeitos à seguinte regra:

Formação do constituinte prosódico

Incorpore em X^P todos os X^{P-1} incluídos em uma cadeia delimitada pelo domínio de X^P .

Observação: X^P é um constituinte e X^{P-1} é imediatamente inferior na hierarquia.

Considerando que este trabalho está preocupado com a interface morfologia/fonologia, interessa-nos, particularmente, o constituinte palavra fonológica e, por conseguinte, os constituintes imediatamente dominados por ela, o pé e a sílaba. Vejamos, nas subseções que seguem, como esses constituintes se definem.

2.3.2 Sílaba

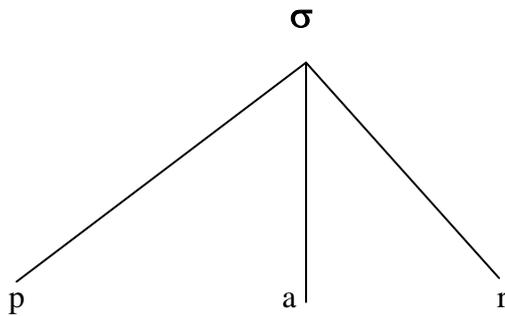
A sílaba é considerada o menor de todos os constituintes da hierarquia prosódica. Como qualquer constituinte, a sílaba é formada por um cabeça (no PB, uma vogal), que constitui o segmento com maior sonoridade e tem como dominados as consoantes e os glides. O pé é o constituinte que a segue na hierarquia, constituído de uma ou mais sílabas.

2.3.3 Teoria da sílaba

Duas são as teorias básicas que falam sobre a estrutura interna da sílaba. São elas: a Teoria Autossegmental e a Teoria Métrica da Sílaba. Ambas apresentam prenúncios diferentes no que se refere ao relacionamento entre elementos no interior da sílaba.

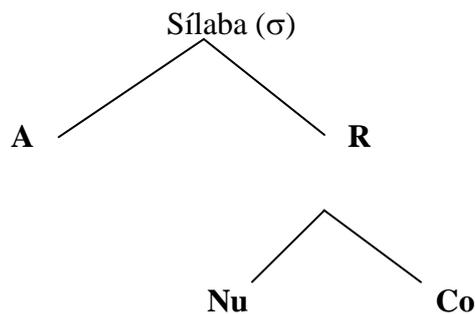
A Teoria Autossegmental (Kahn, 1976 apud Collischonn, 2001), considera a existência de camadas independentes. Uma destas camadas é constituída pela sílaba que mantém ligação direta com os demais segmentos.

A Teoria Autossegmental pressupõe que a sílaba, de um modo global, pode ser atingida pelas regras fonológicas, ou seja, a relação entre os três elementos é homogênea.



σ = sílaba

A Teoria Métrica da sílaba (Selkirk, 1982, apud Collischonn, 2001) considera que a sílaba é formada por um ataque (A) e uma rima (R); a rima por sua vez subdivide-se em núcleo (Nu) e Coda (Co). Vejamos a estrutura que representa esta teoria:



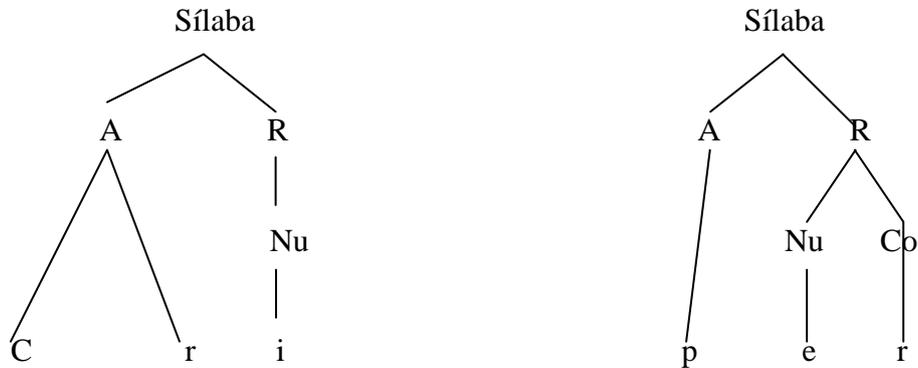
Diferentemente da Teoria Autossegmental, esta teoria pressupõe uma ligação mais delgada entre a vogal do núcleo e a consoante da coda do que entre esta vogal e a consoante do ataque.

2.3.4 Sílabas leves e pesadas

A diferenciação entre sílabas leves e pesadas fixada em muitas línguas, reflete na atribuição do acento e/ou na atribuição de tom, em línguas tonais (BISOL, 2001).

O peso silábico é fator decisivo para a formação de uma sílaba. As sílabas pesadas são formadas por mais de um elemento, embora nem todas as sílabas de mais de um elemento constituam sílabas pesadas.

Na palavra *lacrima*, por exemplo, o acento cai na antepenúltima sílaba, mesmo que a penúltima sílaba, *cri*, tenha três elementos. Já em *pepérci* a sílaba *per*, de três elementos, é pesada. Vejamos as estruturas internas de ambas:



Como podemos analisar na estrutura da palavra *lacrima*, o ataque da sílaba é ramificado. Já na estrutura da palavra *pepérci*, a rima é ramificada. Desta forma, concluímos que o ataque é irrisório para o peso silábico; apenas a rima influencia no peso silábico. Assim, a diferença entre sílabas leves e pesadas dá-se na medida em que sílabas leves possuem rimas não-ramificadas (formadas por uma vogal). Já as sílabas pesadas possuem a rima ramificada (formada por vogal + consoante ou vogal + vogal).

2.3.5 Condições universais de silabação

Existem duas abordagens referentes às condições universais de silabação: a abordagem de regras e a abordagem de condições. A primeira, utilizada por Harris (1983, apud Collischonn, 2001), observa que a silabação de uma seqüência de segmentos é realizada por meio de regras de criação de estrutura silábica: regra de formação de núcleo, regra de formação do ataque e regra de formação da coda. Estas regras são arranjadas entre si: primeiramente cria-se o núcleo, depois o ataque e, por fim, a coda. A segunda abordagem, seguida por Hooper (1976) e Itô (1986) apud Collischonn, 2001, observa a silabação como um processo automático, que obedece a determinados quesitos, não ordenados entre si. Estes quesitos podem ser os mesmos para todas as línguas (universais), ou condições que prevêm diversas possibilidades, das quais cada língua estabelece escolhas (paramétricas).

2.3.6 A seqüência de sonoridade

A escala de sonoridade preconiza um papel fundamental na estrutura silábica, visto que se pode correlacionar a sonoridade relativa de um segmento com a posição que ele ocupa no interior da sílaba. Duas considerações devem ser feitas a respeito da seqüência de sonoridade:

- O elemento mais sonoro sempre ocupará o núcleo da sílaba; já os elementos menos sonoros ocuparão as bordas (ataque e rima).
- Quando existem seqüências de elementos dentro do ataque ou da coda, estas explanam sonoridade crescente em direção ao núcleo.

Escala de sonoridade

Vogal	>	Líquida	>	Nasal	>	Obstruente
3		2		1		0

Podemos discutir a seqüência acima através da seqüência *nt*, de sonoridade decrescente. Esta seqüência nunca pode constituir o ataque de uma sílaba, mas pode constituir a coda. Já a seqüência *pr* pode constituir o ataque de uma sílaba, mas não pode constituir a coda. Considerando tais observações, apresentaremos a seguir a condição para a boa formação das sílabas:

Condição de seqüência de sonoridade

Em qualquer sílaba, o elemento mais sonoro constitui o núcleo e é precedido/seguido por elementos de grau de sonoridade crescente/decrescente.

2.3.7 A sílaba em português

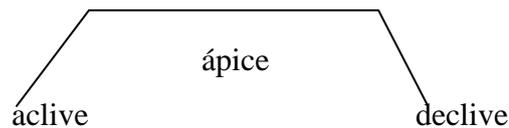
O molde silábico estabelece a quantidade de segmentos aceitos numa sílaba em determinada língua. Através de diferentes análises realizadas até então, não se estabeleceu o número máximo de elementos para o português que uma sílaba possa conter.

Na língua portuguesa, encontramos os seguintes padrões silábicos:

V	<u>é</u>
VC	<u>ar</u>
VCC	<u>instante</u>

CV	<u>cá</u>
CVC	<u>lar</u>
CVCC	<u>monstro</u>
CCV	<u>tri</u>
CCVC	<u>três</u>
CCVCC	<u>transporte</u>
VV	<u>aula</u>
CVV	<u>lei</u>
CCVV	<u>grau</u>
CCVVC	<u>claustro</u>

Segundo Câmara Jr. (1969 apud Collischonn, 2001), a sílaba é formada de um aclave, de um ápice e de um declive, podendo ser constituída de até seis segmentos:



No português brasileiro, o ápice constitui-se de uma vogal. O aclave é constituído por uma ou duas consoantes. O declive pode ser formado pelas consoantes /s/, /r/, /l/ ou pela semivogal /j, w/. Além destas, existe também a possibilidade de existir uma consoante nasal no declive, porém as vogais nasais são interpretadas como sendo fonologicamente “vogal fechada por consoante nasal”.

2.3.8 Os filtros

O molde silábico apontado por Lopez (1979 apud Collischonn, 2001) indica quais são as seqüências de consoantes permitidas no ataque P (losiva) + L (íquida). Os grupos /tl/, /dl/ e /vl/, apesar de permitidos pelo molde, são restringidos a nomes próprios de origem estrangeira.

Outro tipo de restrição existente na língua portuguesa é a ausência de /λ / e /η/ em posição inicial de palavra, com exceção de alguns empréstimos, como *lhama* e *nhoque*.

2.3.9 Palavra fonológica

A palavra fonológica pode ser definida como a categoria que domina o pé. Trata-se de um constituinte n-ário que só tem um elemento proeminente, o que lhe garante apenas um acento primário, ou seja, a palavra prosódica não pode ter mais do que um acento primário. No entanto, dentro do domínio da palavra fonológica, pode ocorrer reagrupamento de sílabas e pés, sem compromisso de isomorfia com os constituintes morfológicos.

O domínio da palavra fonológica pode ser igual à palavra terminal de uma árvore sintática, ou menor que ela. Segundo Nespor e Vogel (1986), como exemplo da primeira hipótese, podemos citar o latim, uma vez que, nesta língua, um composto constitui uma só palavra fonológica. Como exemplo da segunda hipótese, citamos o húngaro, em que o prefixo, menor que a palavra morfológica, pode formar uma palavra independente. Isto revela que nem sempre o isomorfismo entre palavra fonológica e morfológica existe, como também exemplificam os compostos do português, os quais formam uma só palavra morfológica, mas duas fonológicas. Exemplo: [[*gwarda*] ω [*rowpa*] ω].

No português brasileiro, existem afixos que constituem palavras fonológicas independentes, pois apresentam acento primário atribuído. Como sufixos, podem ser citados *-inho*, *-zinho* e *-mente*. Como prefixos, podemos citar *pré-* e *pós-*, prefixos a que Schwindt (2000) chamou de composicionais, por funcionarem como palavras independentes. O fato de tais afixos serem acentuados, confere-lhes o *status* de palavras fonológicas independentes, ainda que tais afixos não possam constituir, isoladamente, palavras morfológicas.

2.4 Aquisição da linguagem

2.4.1 Definição de aquisição da linguagem

Adquirir uma língua significa apropriar-se de um sistema que é compartilhado pelos falantes de uma dada comunidade linguística. Esse processo é muito complexo, pois a criança adquire vários subsistemas para poder comunicar-se. Os subsistemas podem ser divididos em fonológico, morfológico, sintático e semântico.

Como este trabalho assumirá a concepção gerativista, partindo da idéia de gramática universal (GU), assumiremos também sua modularidade e admitiremos que tais módulos podem se comunicar via interface.

O enfoque deste trabalho será o subsistema morfológico e sua interface com o fonológico, durante o processo de aquisição da língua por parte da criança.

2.4.2 A visão de Chomsky sobre a aquisição da linguagem

Chomsky afirma que a criança, durante o período de aquisição da linguagem, é exposta a um conjunto de dados lingüísticos primários. Sua tarefa é, a partir deste período, construir um sistema gramatical que acomode esses dados. O autor propõe, como constructo teórico, um dispositivo de aquisição da linguagem (DAL), que é alimentado pelos dados lingüísticos primários e que resulta numa gramática da língua da qual os dados foram extraídos.

Partindo da idéia de Chomsky, de que o objetivo da criança é construir uma gramática da linguagem, o autor esboça uma explicação da aquisição da competência lingüística, ou seja, o crescimento do corpo de conhecimentos sobre a estrutura da linguagem que está subjacente à capacidade do falante nativo de falar e compreender sua língua. Como razão para que isto aconteça, enfatiza a importância central da criatividade lingüística, isto é, a capacidade de o falante nativo produzir e compreender frases da língua que nunca ouviu anteriormente. O falante é capaz de produzir frases novas que têm caráter gramatical e distingue-as das que não têm esse caráter. Assim concluímos que o falante tem acesso a mais do que um acúmulo de enunciados previamente ouvidos.

Chomsky define *competência lingüística* como o conhecimento que o indivíduo tem sobre a estrutura de sua língua, que o orienta no uso dela. Já *desempenho lingüístico* (*performance*), é definido como o uso da língua pelo falante nativo num contexto social específico.

A competência lingüística é que possibilita que toda criança adquira uma língua quando pequena e que faz com que qualquer criança possa adquirir qualquer língua, bastando para tanto que ela esteja exposta a uma dada língua.

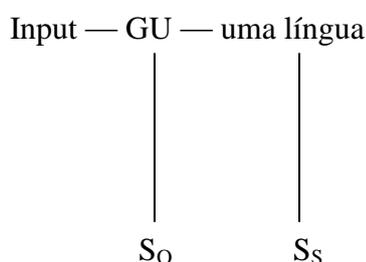
Apesar da diversidade de experiências que a criança tem com a língua e com os adultos que a cercam, todas adquirem a língua a que estão sendo expostas, sem nenhum esforço aparente. A nossa concepção de aquisição da linguagem postulará que parte do processo de aquisição seja inato, ou seja, possuímos uma dotação genética que nos capacita a adquirir uma língua e usá-la salvo sérias complicações patológicas.

A teoria desse estágio inicial da criança é a GU, uma previsão daquilo que é comum a todas as possíveis línguas naturais (princípios), além da variação que pode ser

encontrada entre elas (parâmetros). A associação dos princípios da GU com certos valores paramétricos gera um sistema gramatical particular, ou seja, uma dada língua.

O processo de aquisição da linguagem, então, é tido como a “formatação” da faculdade da linguagem, através da fixação dos parâmetros previstos na GU. A GU é, nesse sentido, um quadro de estágio inicial da aquisição (S_0) e o seu produto seria o estágio final da aquisição, isto é, o estágio em que a criança atinge a gramática adulta de sua língua (S_S). Como em termos lingüísticos é complicado falar em estágio final do conhecimento, admite-se que seja o período em que a criança apresente uma gramática mais próxima à dos adultos ao seu redor.

Teríamos, então:



O que ocorre, então, no processo de aquisição é uma filtragem do *input* através da GU. Essa “filtragem” serve para “formatá-la” através da marcação de um determinado valor para cada parâmetro nela previsto. Estando todos os valores paramétricos marcados, tem-se uma determinada gramática.

Retomando o que foi exposto até aqui, podemos dizer que, segundo Chomsky, o processo de aquisição da linguagem é inato, guiado pela Faculdade da linguagem, que possui uma GU (do inglês *Universal Grammar-UG*), composta de princípios e parâmetros. Como os princípios se aplicam a todas as línguas naturais, não teriam de ser adquiridos. Os parâmetros, ainda que em número reduzido, estão igualmente previstos pela GU, porém têm seus valores abertos a serem marcados de acordo com a língua (ou as línguas) que a criança ouve ao seu redor. Uma vez filtrados os dados do *input* e marcados os valores adequados dos parâmetros, supõe-se que a criança tenha adquirido o sistema gramatical (estável) de sua língua.

2.4.3 Os primeiros estágios da linguagem

B. Barret (1989) estabeleceu estágios durante o período inicial de aquisição da linguagem. O *primeiro estágio* apresenta variações entre as crianças, em relação ao momento

em que as mesmas o atingem. Estende-se até a época em que a criança apresenta um vocabulário de até 10 palavras. Nelson (1973 apud Barret, 1989) considera esse período entre 13 e 19 meses, com uma média nos 15 meses. As palavras (vocábulos), neste período, possuem uma forte relação com o contexto e relacionam-se somente a uma pessoa ou objeto específico. As palavras coexistem com a ação que a criança está praticando e ocorrem paralelamente ao que a criança está realizando, muito mais do que uma ação independente.

Após este período inicial, a aquisição das palavras é, normalmente, mais rápida. Esse período seguinte (*segundo estágio*) é conhecido como explosão do vocabulário (BATES et al; 1988), sendo caracterizado por uma mudança do padrão de uma a três palavras por mês para vinte e cinco por mês. As palavras, neste período, tornam-se descontextualizadas e podem ser generalizadas para diversas situações.

Conforme o vocabulário da criança vai aumentando, as intenções de uso também vão se modificando. Assim como as intenções primitivas da criança estão relacionadas aos estágios internos (reações aos objetos) ou direcionadas ao comportamento dos outros (requisitando objetos, direcionando a atenção), à medida que o vocabulário aumenta, o mesmo ocorre com as funções às quais ele se aplica. A criança aprende a responder perguntas e a comentar a respeito do que ela ouve ao seu redor. Da mesma forma, é permitido que ela tome parte em conversas mais extensas.

Segundo Nelson (1973), por volta dos 19 meses as crianças normalmente já adquiriram um vocabulário de 50 palavras e, dentro de dois meses, normalmente, a maioria já terá começado a combinar palavras. Tal processo pode ocorrer de duas formas: formas articuladas, com uma palavra constante, como por exemplo, “todo mundo” ou “mais”, às quais outras palavras são adicionadas, e formas categóricas, nas quais as palavras são combinadas, mas sem uma ordem específica.

O próximo período (*terceiro estágio*) é conhecido como explosão da gramática, que a criança atinge por volta dos vinte e quatro meses e já adquiriu, na maioria das vezes uma extensão de habilidades lingüísticas. Nesta fase, segundo BATES et al. (1988), a criança combina regularmente as palavras e começa a fazer experiências com a forma da língua. Grande parte dos termos expressivos e compreensivos da língua são adquiridos nesta fase.

No estágio seguinte (*quarto estágio*), que vai dos dois aos quatro anos, as crianças adquirem grande parte das formas da linguagem dos adultos. Ao fazê-lo, elas seguem um padrão de aquisição razoavelmente regular. O vocabulário, nesta fase, aumenta para milhares de palavras e a criança usa a linguagem para vários fins comunicativos. A criança, a partir de

então, continua a assimilar as regras sintáticas, embora o seu sistema necessite de uma série de ajustes para aproximar-se do modelo dos adultos.

Embora a maioria das regras gramaticais seja assimilada por volta dos cinco anos, as crianças continuam a desenvolver diferentes construções nos anos escolares. Aliado a este processo, o “uso” da linguagem desenvolve-se com a capacidade infantil em engajar-se em discursos mais sofisticados com as outras pessoas ao seu redor.

2.4.4 Aquisição morfológica

As primeiras sentenças das crianças consistem primeiramente de palavras que pertencem ao vocabulário adulto, como categorias lexicais (nome, verbo e adjetivo). Devido a este fato, a maior parte dos estudos das primeiras combinações de palavras tem se concentrado na emergência dessas primeiras palavras lexicais, principalmente enfatizando seus significados.

Os autores que serão citados a seguir foram marcantes nos achados de aquisição morfológica na língua inglesa. As pesquisas realizadas dizem respeito à faixa etária que vai dos 2 aos 6 anos de idade.

Berko (1958) realizou um estudo marcante na era moderna dos estudos de aquisição. O autor selecionou uma variedade de morfemas gramaticais para o seu estudo experimental, como a marca de plural (-s), o possessivo, a marca do presente, a marca do passado (-ed), o progressivo (-ing), e o agente (-er). Como resultados, observou-se que as crianças adquirem o morfema de plural [s] e [z], mas não suas variantes. Estas últimas são adquiridas mais tardiamente pelas crianças. O morfema progressivo mostrou ser um dos mais facilmente adquiridos.

Brown & Fraser (1963) realizaram um estudo que envolveu seis crianças entre 2 e 3 anos de idade, as quais deveriam imitar um conjunto de 13 sentenças. O objetivo era verificar se as crianças iriam produzir as sentenças através da imitação, ou do seu próprio sistema gramatical. Os autores perceberam que as crianças imitaram as sentenças de um modo sistemático. Especificamente, observaram que as crianças revelaram uma certa tendência a reter as palavras lexicais, mas deletar as gramaticais. Em segundo lugar, perceberam que a imitação tende a preservar a ordem das palavras dos modelos originais. Por último, observaram que as sentenças (imitadas) produzidas pelas crianças eram similares às produzidas espontaneamente.

Cazden (1968) realizou estudos com três crianças, Adam, Eve e Sarah, enfatizando o seguinte aspecto: o desenvolvimento de morfemas gramaticais, especialmente os flexionais. Como um dos achados mais importantes do autor, podemos citar o uso de formas irregulares pelas crianças, que antecedeu o uso de supergeneralizações. Eve, por exemplo, usou *came* 11 vezes entre 20 e 22 meses, e depois usou *comed*, entre 25 e 27 meses.

O autor observou a existência de três períodos na aquisição de formas irregulares:

- a criança adquire partes das palavras semanticamente relacionadas como entradas lexicais distintas, por exemplo, *came*, *come* e *go*, *gões*;

- a criança adquire uma regra geral, ajusta as entradas lexicais para pares regulares e retêm os irregulares, marcando estes últimos como exceções, por exemplo, *come* [-regular past], *came* [+past]. A supergeneralização pode ocorrer durante o período de reestruturação lexical;

- a criança adquire as entradas lexicais dos adultos, que pode demorar vários meses para se completar.

Segundo Aimard (1986), o período de aquisição morfológica pode ser caracterizado como o período entre dois e três anos, em que a criança tem como atividade essencial assinalar certas regularidades nas formas que ela ouve. A partir disto, a criança faz coincidir as modificações de superfície e as relações experimentadas; ela pode também generalizá-las em outros casos parecidos (por analogia). Obtém-se como resultado uma intensa atividade de generalização que atinge formas que por vezes existem na linguagem. Essa imensa atividade produz também um grande número de erros ou faltas morfológicas por excesso de generalização das regras. Segundo o autor, isso que é produzido caracteriza-se pela existência de boas faltas e más faltas. As primeiras testemunham uma atividade lingüística produtiva, ao passo que as segundas resultam de uma combinação de azar ou denunciam uma simples repetição de uma fórmula congelada.

As boas faltas são originadas de falsas hipóteses ou da aplicação abusiva das hipóteses. A partir do momento em que assinala regularidades e, posteriormente, tenta generalizá-las, a criança passa por várias etapas:

- primeiro – a criança emite uma hipótese de funcionamento;

- segundo – seu ensaio atualiza a hipótese;

- terceiro – a atualização da hipótese pode ter dois resultados: atingir uma forma exata que corresponde a uma forma da linguagem, ou produzir uma forma errônea, a criança tendo ou não consciência da mesma. A criança, então, vai corrigindo o seu erro, seja porque o

adulto lhe fornece o modelo correto, seja através da continuação de suas tentativas que, através da observação de outros dados, lhe permitirão estabelecer uma estratégia eficaz.

No estudo realizado por Figueira (1999), a autora focaliza a aquisição de uma classe de verbos do português, que expressa ações reversas (*reversals*). A autora coloca que, mesmo antes dos dois anos de idade, podemos nos deparar com uma considerável quantidade de material que envolve a expressão de ações reversas. Podemos imaginar quantas vezes, num só dia, num diálogo ou interação verbal, uma criança é levada a solicitar uma alteração de estado sobre um objeto que ela porta ou que está no centro de sua atenção. Pode ser uma caixa que ela quer abrir ou fechar, um balão que quer encher ou esvaziar etc.

As primeiras ocorrências indicando reversos são percebidas muito cedo na fala da criança. Entretanto, para quem tem como objetivo saber quando a criança passa a dominar os padrões morfológicos e lexicais aí envolvidos, as primeiras ocorrências devem ser vistas num quadro mais amplo.

No estudo analisado pela autora, envolvendo dois sujeitos, a observação inicia quando já se percebe na fala da criança uma certa independência das formas, em relação à fala do adulto. Em relação ao primeiro sujeito chega a haver entre 2;8 e 3;8, um uso indiferenciado para ações reversas. Ex.: *liga a televisão* por *desliga a televisão*. O que se percebe aqui é uma forma única cumprindo duas funções, independente se essa relação é morfológicamente marcada ou não. O uso da marca gramatical corretamente surge a partir da própria experiência da criança com a linguagem. No primeiro sujeito, os novos verbos prefixados por *des-* surgem em torno de 3;11 a 4;10 e, no caso do segundo sujeito, por volta de 3;10 a 5;1. Conforme a autora, neste período, registramos os criativos *desmagrecer* (por *emagrecer*), *desabrir* (por *fechar*), *deslimpar* (por *limpar*). Nos dois *corpora*, registrou-se a ocorrência da reversão através do prefixo por volta dos 3;10.

No que se refere à produtividade que afeta verbos, observou-se que elas ocorrem até que certas bases sejam reconhecidas como providas, por si mesmas, da capacidade de expressar o mesmo significado que o morfema expressa de maneira independente. Isso envolve o estabelecimento de relações semânticas, e o que é mais importante, o reconhecimento da coexistência de mecanismos gramaticais diferentes para a expressão da mesma idéia ou significado.

2.4.5 Desenvolvimento lexical e formação de palavras

As palavras constituem o meio lingüístico principal para transmissão de significado. Elas são indispensáveis e, sem elas, não conseguimos exemplificar padrões sintáticos, morfológicos ou sonoros de uma língua.

Desta forma, a aprendizagem das palavras é uma parte crucial da aprendizagem da linguagem e está diretamente ligada à aquisição da sintaxe, da morfologia e da fonologia.

Aos 2 anos de idade, as crianças podem produzir algo entre 50 a 500 ou 600 palavras. Elas vão acrescentando novas palavras a este estoque em uma velocidade calculada em torno de 10 palavras por dia, chegando a um vocabulário de cerca de 1400 palavras por volta dos seis anos de idade. A partir daí, as crianças aprendem, em média, 3000 novas palavras por ano até os 17 anos de idade.

Abordaremos nas subseções seguintes, de um modo geral, o desenvolvimento lexical das crianças a partir dos 2 anos de idade, após terem ocorrido os passos iniciais da aprendizagem das palavras. Na subseção 2.4.6 veremos alguns princípios que guiam a aquisição pelas crianças à medida que relacionamos significados a formas, considerando a velocidade com que atribuem algum significado a uma palavra desconhecida. Na subseção 2.4.7, veremos a formação de palavras pelas crianças, sua análise das palavras em partes (radicais e afixos) e sua criação de novas palavras para objetos, ações e propriedades.

2.4.6 Convencionalidade e contraste

Segundo Clark (1993), as crianças, ao aprenderem uma língua, devem seguir as seguintes etapas.

Etapa 1 – isolam palavras para poderem em outras situações de comunicação identificá-las. Além disso, começam a analisar as partes de palavras identificando, os radicais, as flexões e, por fim, outros afixos.

Etapa 2 – devem identificar os significados potenciais das palavras.

Etapa 3 – relacionam possíveis significados às formas que identificaram. Os mapeamentos iniciais podem apresentar uma sobreposição com o mapeamento adulto, exigindo um ajuste considerável. Estes ajustes resultam nos padrões do uso inicial das

palavras, com super e subextensões, sobreposições parciais e, até mesmo, em certas ocasiões desencontros totais.

As crianças, ao ligarem significados a formas, seguem dois princípios pragmáticos fundamentais: a convencionalidade e o contraste.

A convencionalidade oferece um atalho na forma de consistência em relação ao tempo: “para certos significados, há uma forma que os falantes esperam que seja usada na língua da comunidade”. É através da convencionalidade que os destinatários sabem o que um falante quer dizer em determinada situação. Já no contraste, os falantes utilizam todas as diferenças para marcar uma diferença no significado, ou seja, se os falantes utilizam uma forma diferente da que se poderia esperar, eles podem querer dizer algo diferente.

Estes dois princípios colocam certas limitações nos usos do léxico pelos falantes. Assim, as palavras estabelecidas, as que possuem um significado convencional, têm prioridade. As palavras convencionais, portanto, têm preferência em relação a outras formas com o mesmo significado que podem ter sido utilizadas em seu lugar, mas que não convencionais para o significado pretendido. Se duas expressões tiverem exatamente o mesmo significado, os falantes sempre darão preferência à convencional, em relação a qualquer outra inovação.

As crianças, por iniciarem a aquisição com um léxico mais limitado que o dos adultos, nem sempre aplicam a convencionalidade e o contraste com os mesmos efeitos que os falantes adultos (Clark, 1990, 1993). As crianças iniciam tomando como seus alvos as palavras convencionais que elas ouvem no *input* em torno dela. À medida que elas passam a falar cada vez mais sobre o que acontece ao seu redor, passam a ter uma maior probabilidade de encontrar lacunas em que não possuem as palavras convencionais para o que elas desejam falar. Podem, então, expandir os recursos disponíveis e estender uma palavra que já conhecem, ou podem cunhar uma nova palavra, a fim de que aquela ocasião transporte o significado necessário.

2.4.7 Acréscimo de palavras ao vocabulário inicial e preenchimento de lacunas semânticas

Pelo fato de as crianças possuírem um vocabulário bem menor que o dos adultos que as cercam, muitas vezes, diante de lacunas semânticas, elas tentam encontrar algum meio de preenchê-las.

O primeiro recurso dá-se através do uso de opções lexicais conhecidas. Podemos ver então o uso de dêiticos (*isto, aquilo*) para tratar de termos não-rotulados. Também podem

fazer uso de um substantivo de propósito geral como *coisa*. Quando lhes faltam palavras, em determinadas situações, podem utilizar verbos de propósito geral como *fazer*, *ir* ou *colocar*.

A partir dos 2 anos de idade somente é que as crianças formam substantivos novos quando surge a necessidade do seu uso. As primeiras formações, numa língua como o inglês, são normalmente compostos de um radical, formados de 2 substantivos, como em *crow-bird* (pássaro-corvo) ou *taxi-car* (carro-táxi). Muitos destes substantivos compostos identificam substantivos de um tipo já conhecido e rotulado pela criança. Após os 2 anos de idade, as crianças também começam a usar alguns sufixos derivacionais ao construírem novos substantivos. O primeiro sufixo nominal utilizado em inglês é normalmente o *-er* agentivo, como em *hanger* (para alguém que pendura quadros). Aos 4 anos, as crianças já criam novos substantivos agentivos com *-er* quando se pergunta a elas como elas chamariam alguém que *x*, onde *x* é o termo referente a alguma atividade. Já o uso do sufixo *-er* para substantivos instrumentais tende a surgir um pouco mais tarde.

As crianças também cunham novos verbos para falar de ações. Em inglês, elas utilizam a derivação zero para isto, e transformam, espontaneamente, substantivos em verbos a partir dos dois anos de idade. Esta maneira de formar novos verbos é particularmente produtiva em inglês, sendo adquirida muito cedo. O substantivo escolhido designa um dos participantes do evento, quase sempre o objeto afetado, como em *to hair* (para escovar o cabelo), ou o instrumento utilizado, como em *to broom*, para bater com uma vassoura.

Por último, as crianças também formam novos adjetivos para falar sobre qualidades e estados. A primeira opção utilizada por elas é o sufixo *-y* para derivar um adjetivo de um substantivo ou de um verbo como em *growly* (que provavelmente vai rugir). Aproximadamente a partir dos 4 anos de idade, elas também começam a utilizar sufixos como *-al*, *-ful* e *-able*. No entanto, os novos adjetivos são menos comuns entre as cunhagens das crianças que os novos substantivos e verbos.

A seguir refletiremos sobre as seguintes questões: como as crianças escolhem que formas de palavras usar na construção de novas palavras? Por que elas adquirem alguns afixos e padrões de composição antes de outros? À medida que as crianças analisam a estrutura interna de palavras convencionais, elas aprendem a identificar os radicais e os afixos, prestando a atenção à forma como estes são combinados. Às vezes, elas tecem comentários espontâneos sobre suas análises das partes das palavras, com apenas 2 anos de idade. Seus comentários revelam que a transparência do significado é um aspecto importante em suas análises.

As crianças também dependem da simplicidade da forma em suas cunhagens, ou seja, é fácil para ela discernir um radical em uma forma complexa de palavra se seu formato não sofrer alteração pela afixação ou por qualquer radical adjacente. Na formação de novas palavras as crianças observam a transparência e a simplicidade. Elas constroem com elementos já conhecidos (radicais e afixos), quando criam palavras. No processo de formação de palavras, as crianças também fazem o mínimo de alteração em quaisquer radicais que estejam sendo utilizados. Elas também são sensíveis à produtividade relativa de cada opção na linguagem adulta que as cerca. Os primeiros afixos que produzem são os mais produtivos disponíveis para a expressão do significado pertinente. Por exemplo, as crianças falantes do inglês produzem o sufixo agentivo *-er* em substantivos agentivos novos muito antes dos sufixos agentivos *-ist* ou *-ness*, e elas produzem compostos de radicais formados de 2 substantivos antes de passarem a quaisquer compostos em que os radicais nominais ou verbais constituintes sejam combinados com afixos. Em suma, quando as crianças cunham novas palavras, elas prestam atenção não somente a convencionalidade, mas também à transparência, à simplicidade e à produtividade. O processo de formação de palavras tanto das crianças quanto dos adultos depende do que se encontra disponível e do que é produtivo em cada língua. Por exemplo, a composição não é produtiva em hebraico, e as crianças raramente produzem novos compostos antes dos seis ou sete anos de idade. Isto contrasta com a língua portuguesa, por exemplo, em que a composição é produtiva. Nela, a criança começa a explorar esta opção, de modo consistente, aproximadamente aos 2 anos de idade. A tipologia de cada língua e a natureza do *input* a que as crianças são expostas, então, interagem com a transparência, a simplicidade e a produtividade, produzindo determinados padrões evolutivos nos tipos de cunhagem das crianças em diferentes idades.

3 METODOLOGIA

Os dados utilizados na presente pesquisa provêm dos seguintes bancos: AQUIFONO, que pertence ao CEAAL (PUCRS e UCPel), DELICRI (UFRGS), Dicionário Aurélio Eletrônico (versão 3.0) e VARSUL (UFRGS, PUCRS, UFSC, UFPR).

3.1 A coleta de dados nos bancos de fala infantil

Os dados da fala infantil foram colhidos no banco de dados do CEAAL e DELICRI. Esses dados referem-se a amostras de fala de sessenta e duas crianças (31 meninos e 31 meninas) com idades entre 2:0 e 7:0, divididas em intervalos de dois meses, todas falantes monolíngües do português brasileiro, residentes nas cidades de Pelotas e Porto Alegre/RS, e cujo desenvolvimento fonológico é considerado normal.

Os dados que fazem parte do CEAAL foram coletados por mestrandas e bolsistas de iniciação científica da PUCRS e UCPel com o auxílio do instrumento proposto por YAVAS, HERNANDORENA & LAMPRECHT (1991) e gravados em fita cassete. O instrumento é composto por cinco figuras temáticas contendo 125 palavras, em sua totalidade, familiares à criança, que, durante a entrevista, deveria nomeá-las espontaneamente através de uma “situação” provocada pelo (a) entrevistador (a). Para a presente pesquisa foram selecionadas 56 crianças deste banco. As crianças que fazem parte deste corpus pertencem a um grupo sociolinguisticamente homogeneizado pela escolaridade dos pais, identificada por formação mínima correspondente ao ensino fundamental completo. Durante a busca pelos dados, encontramos obstáculos no preenchimento das faixas etárias, já que muitas fitas cassetes e transcrições que estavam disponíveis na PUCRS, não estavam disponíveis na UCPel e vice-versa.

Já os dados do Banco de Dados do Projeto Desenvolvimento da Linguagem da Criança (DELICRI) foram coletados através de uma situação mais informal (brincadeiras, desenhos, diálogos, interações) entre o entrevistador (a) e a criança. O projeto tem como objetivo investigar a produção lingüística de crianças, no que se refere ao desenvolvimento da fonologia, sintaxe, semântica, pragmática e discurso. O banco de dados conta com dois tipos de coletas: uma longitudinal e outra transversal. As crianças que fazem parte do projeto são monolíngües. Quanto à categorização sócio-econômica a mesma segue os seguintes critérios, conforme apresentados no relatório do banco de dados. Entretanto, não controlamos este

aspecto na nossa análise, visto que investigamos apenas 6 crianças pertencentes ao DELICRI com o intuito de completar a amostra de nossa pesquisa, de acordo com a faixa etária alvo.

Classe A: nível superior – escolaridade superior de pelo menos um dos pais; profissional liberal, professores de 3^o grau, empresários, dirigentes, bairro de moradia considerado A na cidade, escola particular.

Classe B: nível médio – escolaridade de 1^o grau completo ou 2^o grau, funcionário público, comerciante, técnico, bancário, escriturário, professor de escola secundária ou primária, bairro de moradia considerado de classe média, escola pública.

Classe C: nível baixo – pais com 1^o grau incompleto ou sem escolaridade, empregado doméstico, pedreiro, faxineiro, motorista, serviços gerais, bairro considerado pobre, escola pública.

3.1.1 Etapas da coleta de dados no CEAAL e DELICRI

A coleta dos dados das crianças foi realizada em quatro etapas.

Etapa 1: audição das fitas e transcrição dos dados ouvidos.

Nesta etapa a pesquisadora ouviu e transcreveu os itens pesquisados, separando os processos de formações de palavras estudados: prefixos, sufixos e compostos.

Etapa 2: organização dos dados

Depois da transcrição, foram identificadas as ocorrências de prefixos, sufixos e compostos e posteriormente colocadas em colunas específicas.

Etapa 3: tabulação dos dados

Após a organização dos dados, estes foram registrados em tabelas, separados pela tipologia e, ao lado, foram registrados os índices de ocorrência.

Etapa 4: análise dos dados

Os dados foram analisados de acordo com os objetivos e hipóteses da pesquisa.

3.2. Coleta de dados dos adultos

A fim de comparar os dados da fala das crianças com a linguagem adulta, a pesquisa estendeu-se a dois outros *corpora*: o Dicionário Aurélio Eletrônico, versão 3.0 e o Banco VARSUL e ficou restrita à prefixação e à sufixação.

3.2.1 A busca no vocabulário dicionarizado do PB

O uso do dicionário Aurélio Eletrônico funcionou como meio para testar a dicionarização das formações prefixação e sufixação. Após a identificação dos afixos, os mesmos foram pesquisados no dicionário, não só para verificar a dicionarização, mas para ver se os afixos mais usados na fala infantil coincidem com os incidentes no dicionário, já que representam o léxico de uma língua. Assim, o presente trabalho visa a descrever a aquisição de morfemas derivacionais e compostos do PB, além de comparar a fala infantil com a adulta.

3.2.2 A busca no VARSUL

Apesar de a busca no dicionário ser bem utilizada hoje em dia, traz o inconveniente de que há somente o registro da “incidência” de determinados fenômenos na língua, sem considerar a sua frequência. Portanto, é possível que fenômenos não muito incidentes no dicionário sejam, na fala, freqüentes; por exemplo, nem todos os vocábulos sufixados com *-inho* estão dicionarizados, logo *-inho* é pouco incidente, porém muito freqüente na fala. A pesquisa nesta fonte teve como objetivo, para compensar este problema, mostrar se o uso que as crianças fazem dos processos de formação se aproximam (ou não) da fala adulta estabilizada, ou seja, se a frequência dos prefixos e sufixos mais usados na fala infantil coincidem com os mais usados na fala adulta. Foram selecionados três informantes do sexo feminino e 3 informantes do sexo masculino, a fim de identificar as ocorrências.

As seções seguintes destinam-se à apresentação e à discussão dos resultados numéricos obtidos através da análise realizada nos bancos de dados do CEAAL e DELICRI. Além disso, será apresentada a comparação com os índices de ocorrência dos processos de formação com a fala adulta. Primeiramente será feita a apresentação da frequência geral de aplicação dos processos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As seções seguintes destinam-se à apresentação e discussão dos dados levantados a partir dos bancos CEAAL e DELICRI. Os dados serão expostos em tabelas e gráficos e posteriormente comentados com base nos pressupostos teóricos deste trabalho. Além disso, será apresentada a comparação com os índices de ocorrência dos processos de formação na fala adulta, a partir de levantamento realizado nos dados do Dicionário Aurélio Eletrônico e do Projeto VARSUL.

Primeiramente, na seção 4.1, tentando discutir nossa primeira hipótese, será feita a apresentação da frequência geral de aplicação dos processos estudados: prefixação, sufixação e composição, com os respectivos exemplos de cada categoria. Nas seções 4.2 a 4.4, apreciaremos os resultados quantitativos, respectivamente, para prefixação, sufixação e composição, os quais serão discutidos de acordo com nossas três hipóteses seguintes, a saber, a tipologia encontrada, a relação com a palavra prosódica e a produtividade morfológica. Encerrando a seção de apresentação dos resultados, apreciaremos, nas seções 4.5 e 4.6, os resultados referentes à comparação entre fala infantil, já analisada, e linguagem adulta, através de levantamento realizado no Dicionário Aurélio Eletrônico e através da análise dos dados do VARSUL, o que dá conta de nossa última hipótese.

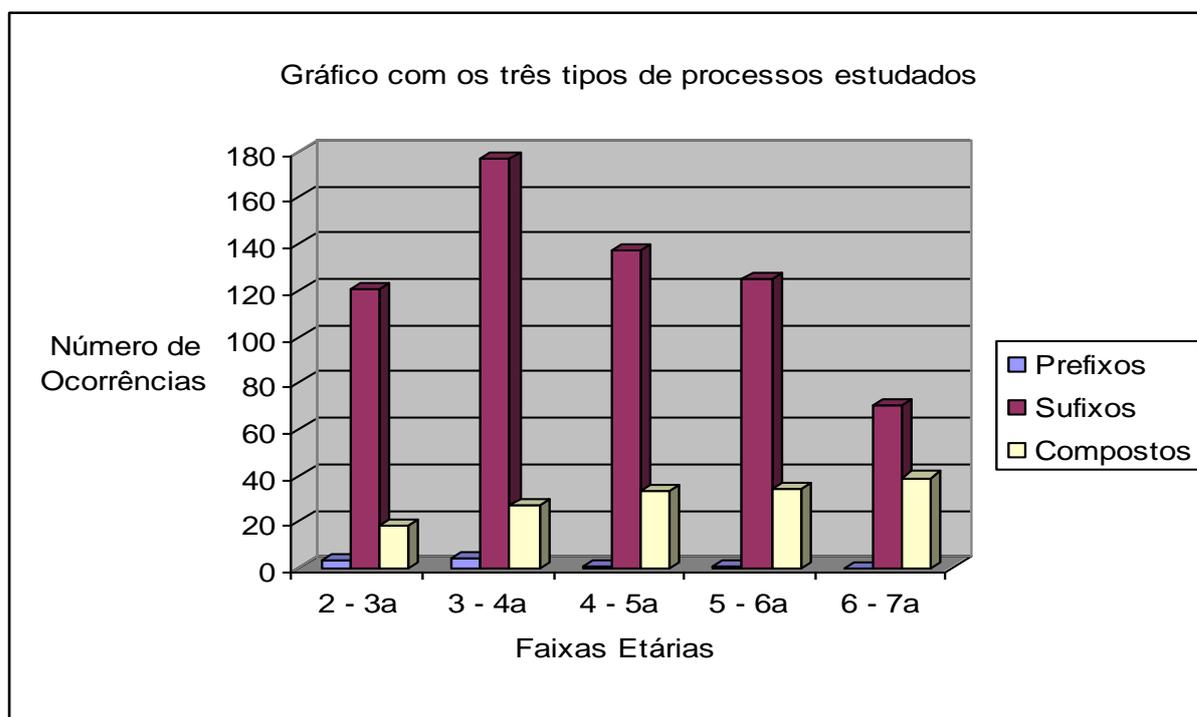
4.1. Frequência geral dos processos de formação de palavras na fala infantil

Na presente seção, serão apresentados dados gerais encontrados em nossa pesquisa de acordo com os processos de formação de palavras selecionados para a análise: prefixação, sufixação e composição, nesta ordem.

Apreciaremos, num primeiro momento, o quadro geral, que apresenta as frequências dos processos de formação de palavras na fala infantil.

Tabela 1: Produção de prefixos, sufixos e compostos de acordo com a faixa etária.

FAIXA ETÁRIA	PREFIXOS	SUFIXOS	COMPOSTOS	TOTAIS
2 – 3 anos	3	120	18	141
3 – 4 anos	4	177	27	208
4 – 5 anos	1	137	32	170
5 – 6 anos	1	125	34	160
6 – 7 anos	0	70	39	109
TOTAIS	9	629	150	788

Gráfico 1: Processos de formação de palavras encontrados na fala infantil (2:0 a 7:0).

Os dados da Tabela 1 e do Gráfico 1 permitem observar que os processos estudados têm uso moderado pelas crianças, totalizando apenas 788 dados em aproximadamente 20 horas de gravação. Entre os processos estudados, as crianças utilizam-se preferencialmente da sufixação, seguida pela composição e pela prefixação.

A análise dos dados permite confirmar parcialmente nossa primeira hipótese, já que há um aumento de processos na passagem da primeira para a segunda faixa etária, mas o mesmo não pode ser afirmado em relação às demais faixas etárias, considerando que os números são bastante variáveis.

Nas seções subseqüentes, será avaliado em pormenor cada tipo de formação.

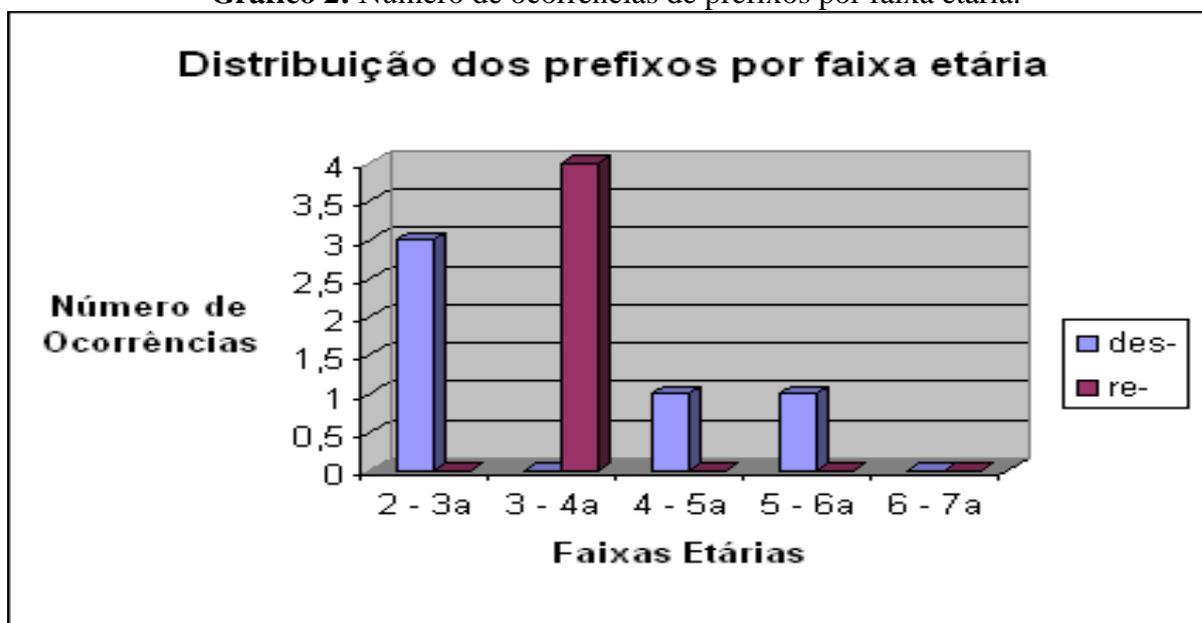
4.2 Prefixação

Conforme vimos no item 2.2.1, a prefixação é um processo de criação lexical que consiste na formação de uma nova palavra através do acréscimo de um prefixo a uma base já existente (Rocha, 2003). Veremos na Tabela 2 os prefixos registrados na fala infantil e, também, a ocorrência encontrada nas diferentes faixas etárias analisadas.

Tabela 2: Prefixos encontrados na fala infantil nas diferentes faixas etárias.

FAIXA ETÁRIA	OCORRÊNCIAS	VOCÁBULOS ENCONTRADOS
2 a 3 anos	3	Desligar
3 a 4 anos	4	Remexer
4 a 5 anos	1	Desligar
5 a 6 anos	1	Desligar
6 a 7 anos	0	-

Gráfico 2: Número de ocorrências de prefixos por faixa etária.



Através da análise da Tabela 2, podemos observar que os prefixos já podem ser registrados na fala infantil a partir dos dois anos. Observamos também, que em relação à primeira hipótese, como já havíamos dito na seção 4.1, os prefixos aumentam na passagem da primeira para a segunda faixa etária. O mesmo aumento não pode ser observado nas demais faixas etárias.

Os únicos prefixos encontrados na fala das crianças entre 2:0 e 7:0 anos de idade foram *des-* e *re-*.

Na faixa etária de 2 a 3 anos, somente foi registrado o prefixo *des-*, totalizando três ocorrências. Nestas ocorrências, o prefixo ligou-se a uma base verbal, com o significado de "retorno a uma situação anterior" (*desligar*). Na faixa etária de 3 a 4 anos, registramos um total de quatro ocorrências somente do prefixo *re-*, no vocábulo *remexer*. Na faixa etária de 4 a 6 anos, registramos, assim como na faixa etária dos 2 a 3 anos, somente o prefixo *des-*. Em cada uma destas, houve apenas uma ocorrência, o vocábulo *desligar*. Na faixa etária de 6 a 7 anos, não foram registrados vocábulos prefixados.

Vejam, a seguir, a tipologia dos prefixos encontrados, sua caracterização, sua ocorrência e a produtividade dos mesmos na fala infantil.

4.2.1 Prefixo *des-*

O prefixo *des-* pode apresentar os seguintes significados: separação, afastamento, privação ou negação. Cabe salientar que o prefixo *des-* aplica-se a bases verbais que expressam atos de encobrir, atar superfícies, como em *descobrir*, *destampar*, *desenlaçar*, assim como pode ser usado para negar simplesmente o significado da base verbal a que se junta. Exemplos: “*O governo descumpre a constituição*” e “*A criança desobedeceu aos pais*”.

Nos dados da fala infantil, o afixo *des-* aparece no verbo *desligar*, portanto, observamos que se junta a uma base verbal, com o objetivo de expressar uma ação que afeta um objeto, significando, a partir disto, “mudança para condição anterior”. Exemplo: “*Desligar a tevê!*”. Na faixa etária de 2 a 3 anos podemos constatar apenas 3 ocorrências. Na faixa etária dos 4 aos 6 anos, registramos apenas este prefixo, com 1 ocorrência em cada faixa etária. Nas três faixas etárias em que se percebeu a ocorrência do prefixo *des-*, este só foi registrado no verbo *desligar*.

Segundo Sandmann (1989), o prefixo *des-* caracteriza-se por ser muito produtivo. De acordo com o autor, este prefixo se alinha entre aqueles que têm uma significação

negativa. Diante dos adjetivos, geralmente significa negação da base a qual se une. Diante de verbos e substantivos, significa “afastamento, separação ou volta a uma situação.” Vimos, portanto, que o uso do prefixo na fala infantil, corrobora a sua alta produtividade na língua.

4.2.2 Prefixo *re-*

O prefixo *re-* geralmente une-se a uma base indicando repetição, ainda que possa ter outros significados, como *reforço* e *retrogradação*.

Nos dados da fala infantil, *re-* foi o segundo prefixo mais encontrado, com 4 ocorrências, na faixa entre 3 a 4 anos, significando “*de novo*”, em *remexer*. Nas demais faixas etárias não percebemos a ocorrência do prefixo *re-*. Assim, nossa primeira hipótese não foi confirmada, visto que não há acréscimo do uso deste prefixo, tampouco sua presença nas demais faixas etárias.

Segundo Sandmann (1989), este prefixo é produtivo. O autor acrescenta que o prefixo *re-*, em formações novas, pode significar “*de outra maneira*”, como em *releitura*= *uma segunda leitura + nova maneira de ler, nova interpretação*. Desta forma, os dados da fala infantil corroboram a literatura sobre o PB, no que se refere à produtividade do prefixo.

No que se refere à prefixação, podemos tirar algumas conclusões com base nos dados da fala infantil coletados para este estudo, como segue.

- Quanto à ordem de aquisição dos prefixos, as crianças adquirem primeiro os prefixos legítimos, os quais não podem existir isoladamente, ou seja, afixam-se à esquerda de uma base, como sílabas átonas. Ainda sobre a ordem de aquisição, podemos dizer que é crescente, em termos de uso, apenas na passagem da faixa etária de 2:0 a 4:0. Nas demais faixas etárias, não foi registrado acréscimo no que se refere ao seu uso.

- Quanto ao seu *status* prosódico, os prefixos registrados, *des-* e *re-*, não apresentam comportamentos de palavras fonológicas independentes nos vocábulos analisados. Desta forma, observamos que, na fala infantil, os primeiros prefixos a aparecer são os prefixos legítimos (conforme Schwindt, 2000, 2001), que não constituem palavras fonológicas independentes.

- Quanto à produtividade, os prefixos adquiridos na faixa etária de 2:0 a 7:0 caracterizam-se por serem produtivos na língua portuguesa.

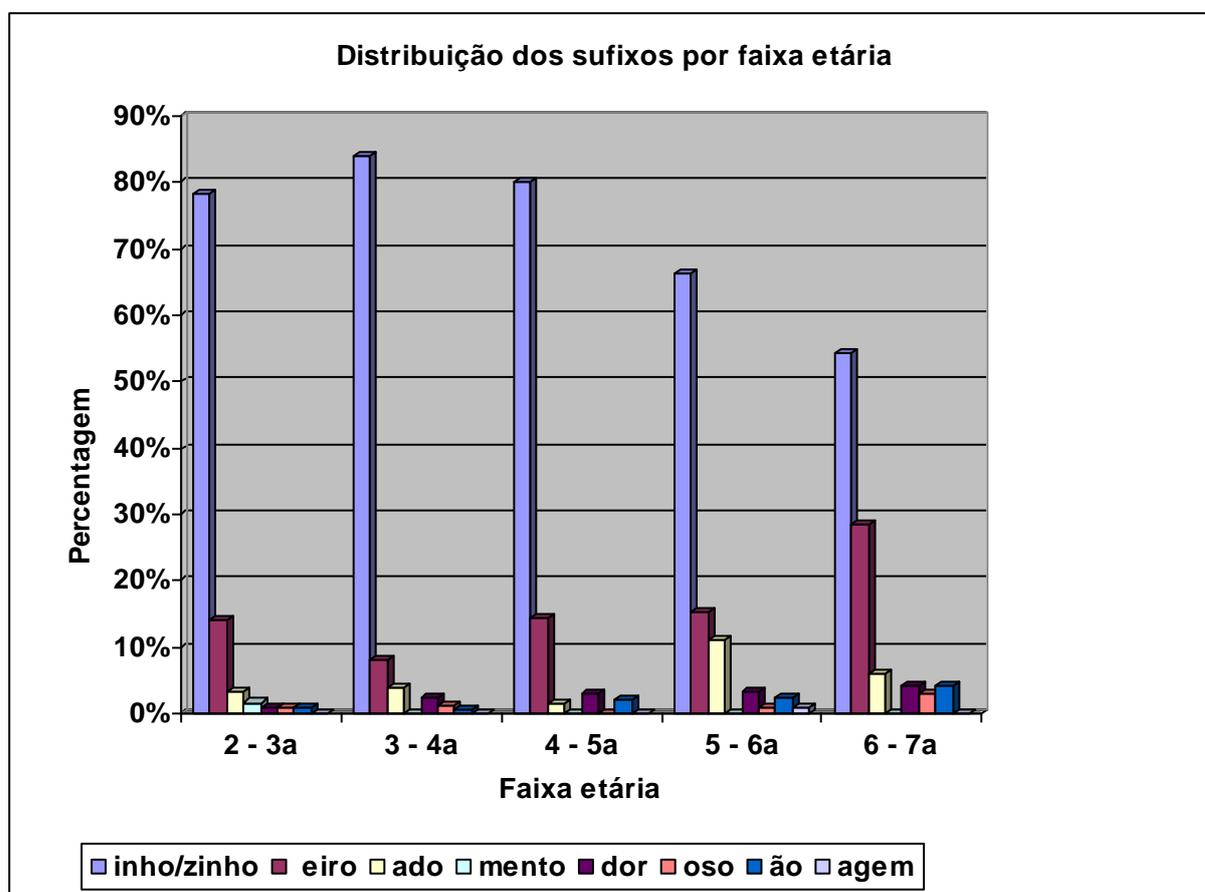
4.3 Sufixação

Analisaremos, agora, a derivação sufixal. A tabela a seguir ilustrará os sufixos registrados na fala infantil, por faixa etária, e os exemplos de acordo com a tipologia.

Tabela 3: Produção de derivações sufixais por faixa etária.

<i>FAIXA ETÁRIA</i>	<i>SUFIXOS</i>	<i>PERCENTAGEM</i>	<i>OCORRÊNCIA</i>	<i>EXEMPLOS</i>
2 – 3 anos	-inho/zinho	78,3%	94/120	Frutinha
	-eiro	14,1%	17/120	Geladeira
	-ado	3,3%	4/120	Quebrado
	-mento	1,6%	2/120	Casamento
	-dor	0,8%	1/120	Escorregador
	-oso	0,8%	1/120	Corajosa
	-ão	0,8%	1/120	Minhocão
3 – 4 anos	-inho/zinho	84,1%	149/177	Cavalinho
	-eiro	8%	14/177	Geladeira
	-ado	4%	7/177	Pelado
	-dor	2,2%	4/177	Abridor
	-oso	1,1%	2/177	Delicioso
	-ão	0,5%	1/177	Rabão
4 – 5 anos	-inho/zinho	78,8%	108/137	Plantinha
	-eiro	14,5%	20/137	Banheiro
	-dor	3%	4/137	Abridor
	-ão	2,1%	3/137	Grandão
	-ado	1,4%	2/137	Gripada
5 – 6 anos	-inho/zinho	66,4%	83/125	Velinha
	-eiro	15,2%	19/125	Banheiro
	-ado	11,2%	14/125	gelado
	-dor	3,2%	4/125	Gravador
	-ão	2,4%	3/125	Casarão
	-oso	0,8%	1/125	Gostoso
	-agem	0,8%	1/125	Folhagem
6 – 7 anos	inho/zinho	54,2%	38/70	Pedrinha
	-eiro	28,5%	20/70	Cafeteira
	-ado	5,9%	4/70	Gelado
	-dor	4,2%	3/70	Abridor
	-ão	4,2%	3/70	Rodão
	-oso	3%	2/70	Perigoso

Gráfico 3: Distribuição dos sufixos por faixa etária.



Através da análise da Tabela e do Gráfico 3, verificamos que os sufixos com maior índice de ocorrência são os formadores de grau *-inho/zinho* (*frutinha, cavalinho*), com ocorrências entre 78% e 84% aproximadamente. A partir dos 5:0 anos ocorre uma diminuição em seu número de ocorrências. Em segundo lugar, encontra-se o sufixo *-eiro* (*geladeira, cafeteira*) com maior incidência na faixa de 6:0 a 7:0 anos, com aproximadamente 28,5% de ocorrências, denotando formação de ofício, ocupação, objeto, lugar ou profissão. Em terceiro lugar, aparece o sufixo *-ado*, assumindo o valor de “provido de, cheio de“. Este sufixo atinge sua maior incidência na fala infantil na faixa etária de 5:0 a 6:0 anos, com 11,2%. Como menos recorrentes na fala infantil, podemos citar os seguintes sufixos: *-dor*, *-oso*, *-ão*, *-mento* e *-agem*. A partir do que foi observado, percebemos que os sufixos *-inho* e *-zinho*, na maioria das suas ocorrências, são formadores de grau. Apesar de a maioria dos autores conceber grau como derivação, há muita sistematicidade neste processo. Esta pode ser a razão para a sua produtividade, isto é, eles, neste quesito, se equiparam aos afixos flexionais.

A partir da análise do Gráfico 3, verificamos que aos 2 anos já se pode registrar a ocorrência da sufixação na fala infantil. Na faixa etária de 2:0 a 7:0, o sufixo mais recorrente é *-inho*. No que se refere ao aspecto quantitativo, ocorre um aumento na faixa dos 2:0 aos 3:0 anos. Em todas as faixas etárias, os sufixos com maior índice de ocorrência são os formadores de grau *-inho*, seguidos do sufixo *-eiro*.

A seguir veremos as características de cada sufixo encontrado na fala infantil.

4.3.1 Sufixo *-inho/zinho*

Caracteriza-se como um sufixo que se une a uma base significando a partir daí um valor diminutivo.

Nos dados da fala infantil, encontramos o sufixo *-inho* com os seguintes significados: com valor diminutivo (*palhacinho*), com valor afetivo (*florzinha*, *chinelinho*) e de forma pejorativa (*coisinha*).

A nossa primeira hipótese, apresentada no item, é corroborada apenas na passagem de 3:0 aos 4:0 anos. Nas demais faixas etárias, não percebemos um aumento em termos de frequência de uso.

Segundo Sandmann (1989), estes afixos são bem produtivos, participando de formações novas e assumindo conteúdos diversos. Além dos significados citados acima, estes afixos, como diminutivos, podem expressar simpatia por um objeto, suavizar uma situação desagradável (*corridinha*) ou diminuir algo (*um tempinho*, *um momentinho*). Assim, os dados encontrados na fala infantil confirmam o caráter produtivo destes sufixos na língua portuguesa.

Quanto ao seu *status* prosódico, estes sufixos caracterizam-se por serem palavras fonológicas independentes.

4.3.2 Sufixo *-eiro*

O sufixo *-eiro* liga-se a bases podendo significar “ocupação, ofício, profissão, lugar onde se guarda algo” ou “ter significado de agente.”

Nos dados da fala infantil, encontramos o sufixo *-eiro*, denotando lugar onde se guarda algo (*geladeira*, *mamadeira*).

Com relação à nossa primeira hipótese, a mesma confirma-se dos 3:0 aos 7:0, já que percebemos o seu aumento de acordo com a faixa etária.

De acordo com Sandmann (1989), os substantivos em *-eiro* de base substantiva são em geral substantivos que designam um agente: *baloeiro* “fabricante, vendedor de balões”; *canavieiro* “trabalhador de canavial”. Além disso, o autor encontrou *-eiro* com sentido locativo, como no exemplo *atoladeiro*, derivado do verbo (atolar), significando “lugar onde se atola”. Assim, a produtividade encontrada na fala adulta é corroborada através da análise da fala infantil.

4.3.3 Sufixo *-ado/a*

O sufixo *-ado* liga-se a bases significando “provido de”, “cheio de”, “que revela o caráter de algo”. Já a sua variante *-ada* caracteriza ações breves ou passageiras (*olhada*), produto alimentício (*bananada*) etc.

O aumento no número de ocorrências deste sufixo, é percebido na passagem da primeira para a segunda faixa etária e da terceira para a quarta. Assim, não podemos confirmar nossa primeira hipótese, de que este sufixo aumente de acordo com a mudança de faixa etária.

Segundo Sandmann (1989), os substantivos designativos de ação terminados em *-ada* são muitas vezes empregados no português em sintagmas com o verbo dar: “dar uma olhada, dar uma esnobada”. Expressa, então, uma ação breve ou passageira. De acordo com a análise dos dados da fala infantil, estes sufixos assumem o mesmo caráter produtivo que possuem na fala adulta. Nos dados de 2:0 a 7:0 anos de idade, podemos citar como exemplos os seguintes vocábulos: *gelado, telhado, quebrado, rasgada*.

4.3.4 Sufixo *-mento*

No que diz respeito às regras de formação de palavras, é importante observar formas duplas, uma em *-ção* e outra em *-mento*. No Aurélio, por exemplo, já estão registradas as formas *debilitação, desfiguração* e também *debilitamento e desfiguramento*. As derivações deverbais em *-ção* e *-mento* não parecem estar sujeitas ao Efeito de Bloqueio (Aronoff, 1976), pois aparecem, supostamente lado a lado, na língua, como substantivos sinônimos.² A análise

² Segundo Aronoff (1976), estas formas estariam sujeitas ao Bloqueio, já que veiculam o mesmo significado. Se essa hipótese for verdadeira, ou as formas de fato não compartilham exatamente o mesmo significado, ou não são produzidas, as duas, pelo mesmo falante.

do *corpus* de Sandmann (1989) registrou 28 formações novas com o sufixo *-ção* e 26 com *-mento*.

Na fala infantil, só houve registro do vocábulo *casamento*, que consideramos uma palavra derivada de um verbo (*casar*). De qualquer forma, este dado está incluído no elenco das formas sufixais produtivas em PB.

4.3.5 Sufixo *-dor*

O sufixo *-dor* forma substantivos designativos de agente ou de instrumento de ação.

Nos dados da fala infantil, encontramos formações como *escorregador*, *abridor*, *batedor* etc, que confirmam os significados possíveis do sufixo.

O aumento de ocorrências deste sufixo pode ser percebido com o aumento da faixa etária. Desta forma, nossa primeira hipótese é confirmada, embora o acréscimo no número de ocorrências não seja tão significativo.

De acordo com Sandmann (1989), este sufixo é bastante produtivo, com significado de agente ou instrumento (*misturador*, *secadora*) e, ainda, do ponto de vista morfossintático, pode muitas vezes ser empregado adjetivamente: ao lado de *secadora*, por exemplo, poderíamos ter *máquina secadora*, e, ao lado de *loteador*, *firma loteadora*.

4.3.6 Sufixo *-oso/a*

O sufixo *-oso* liga-se a uma base dando o significado de “estar provido de”, “estar cheio de”.

Na análise da fala infantil, o sufixo confirma os significados acima apresentados (*orgulhoso*, *delicioso*, *gostoso*).

Quanto ao seu aumento de acordo com a mudança de faixa etária não podemos fazer uma generalização, já que os números de ocorrências são variáveis.

Como afirma Sandmann (1989), este sufixo foi bastante produtivo no latim e nas línguas românicas, embora não o seja mais tanto hoje. Esta afirmação é, em certa medida, confirmada por nossos dados, em que registramos um pequeno índice de ocorrência dos mesmos (aproximadamente 3%).

4.3.7 Sufixo -ão

Este sufixo assume o caráter aumentativo nas bases a que se liga. Também pode significar proveniência, origem.

Na fala infantil, indicou “tamanho acima do normal”, como em *rabão*, *ursão*, *garrafão* e *grandão*.

O aumento significativo no número de ocorrências deste sufixo só pode ser verificado na passagem da segunda para a terceira faixa etária. A partir da terceira faixa etária, o número de ocorrências mantém-se praticamente constante.

Segundo Sandmann (1989), o sufixo -ão não é muito produtivo, sendo registradas, em sua análise, formações como *covardão*, *atrasadão* (adjetivamente).

No que se refere à sufixação, podemos concluir o que se segue.

- Quanto à ordem de aquisição dos sufixos as crianças produzem, primeiro, sufixos formadores de grau diminutivo: *-inho/-zinho*.

- No que se refere ao aumento da sufixação de acordo com a mudança de faixa etária, não podemos generalizar, já que este aumento é verificado na passagem da primeira para a segunda faixa etária e na passagem da terceira para a quarta.

- Quanto à produtividade, os sufixos registrados na fala das crianças analisadas, se contrastados com a análise de Sandmann (1989), caracterizam-se por serem produtivos.

- Em relação ao *status* prosódico, o único afixo que constitui palavra fonológica independente na fala da criança é *-inho* e sua variante *-zinho*. Entretanto, não se pode assegurar que esta aquisição esteja justificada pelo caráter prosódico deste afixo, mas sim por seu sentido altamente afetivo. Em outras palavras, é seu caráter morfossemântico que faz aflorar a categoria prosódica “palavra”, incomum na morfologia afixal deste período de aquisição. Dentro do domínio da palavra fonológica, podem ocorrer reagrupamentos de sílabas e pés, sem compromisso de isomorfismo com os constituintes morfológicos. Em nossa análise, percebemos o não-isomorfismo entre palavra fonológica e morfológica. Assim, em *pazinha*, *velinha* e *cafezinho*, temos o registro de duas palavras fonológicas, mas uma morfológica.

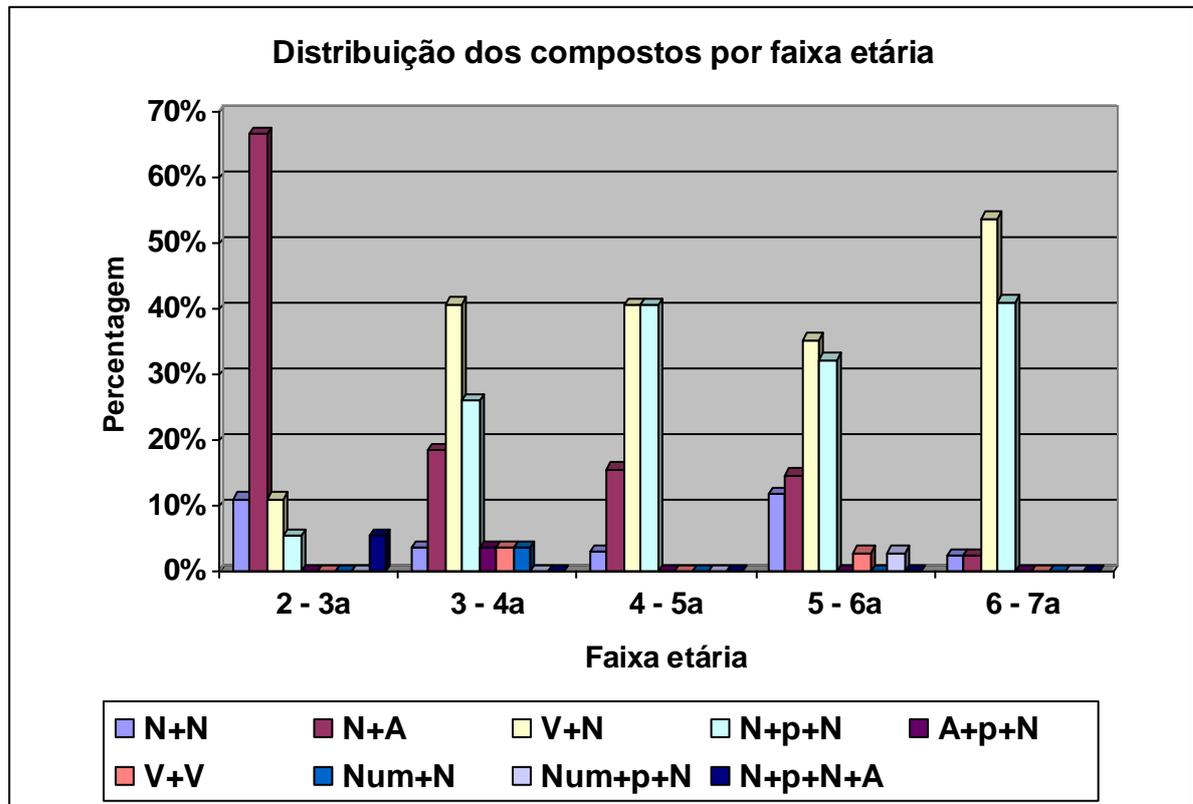
4.4 Composição

Concluindo, então, vejamos agora a composição através da análise da Tabela 4 e de seu respectivo Gráfico. Ambos foram construídos levando-se em consideração a faixa etária, a categoria dos elementos que os compõem, e a frequência na fala das crianças.

Tabela 4: Compostos registrados na fala infantil de acordo com a faixa etária.

FAIXA ETÁRIA	COMPOSTOS	PERCENTAGEM	OCORRÊNCIAS	EXEMPLOS
2 – 3 anos	N+A	66,8%	12/18	Lobo mau
	V+N	11,1%	2/18	Guarda-chuva
	N+N	11,1%	2/18	Coca-Cola
	N+p+N	5,5%	1/18	Cor de mercúrio
	N+p+N+A	5,5%	1/18	Boi da cara preta
3 – 4 anos	V+N	40,7%	11/27	Guarda-chuva
	N+p+N	26%	7/27	Papai do Céu
	N+A	18,5%	5/27	Lobo mau
	A+p+N	3,7%	1/27	Redondo do tapete
	V+V	3,7%	1/27	Cai-cai
	Num+N	3,7%	1/27	Quinze de Setembro
	N+N	3,7%	1/27	Arco-íris
4 – 5 anos	V+N	40,6%	13/32	Guarda-chuva
	N+p+N	40,6%	13/32	Cor de rosa
	N+A	15,7%	5/32	Lobo mau
	N+N	3,1%	1/32	Coca-Cola
5 – 6 anos	V+N	35,2%	12/34	Guarda-sol
	N+p+N	32,3%	11/34	Capa de disco
	N+A	15%	5/34	Verde clarinho
	N+N	11,7%	4/34	Fanta uva
	V+V	2,9%	1/34	Roda-roda
	Num+p+N	2,9%	1	Quinze de setembro
6 – 7 anos	V+N	54%	21/39	Guarda-chuva
	N+p+N	41%	16/39	Pista do trem
	N+N	2,5%	1/39	Lata jóia
	N+A	2,5%	1/39	Nega maluca

Gráfico 4: Distribuição dos compostos por faixa etária.



Como podemos verificar, através da análise da Tabela 4 e respectivo Gráfico, já é possível registrar a ocorrência dos compostos na fala infantil aos 2 anos de idade, embora aumentem em número e diversidade a partir dos 3 anos.

Os compostos preponderantes na fala infantil são os do tipo: V+N, N+(p)+N, N+A e N+N, embora possamos registrar a ocorrência de outros tipos. Vejamos, a seguir, a tipologia dos compostos encontrados, sua ocorrência e produtividade.

4.4.1 Composto N + A

São compostos formados a partir da concatenação de um nome e de um adjetivo. Resultam numa categoria +N e são compostos pela seqüência determinado + determinante. Este composto aparece na fala infantil desde os dois anos de idade, por ex. *lobo mau* (2:0), *leite condensado* (4:0), *azul forte* (6:0), *nega maluca* (7:0). São os compostos mais frequentes na faixa etária de 2 a 3 anos. Atinge sua menor freqüência na faixa de 6 a 7 anos. Portanto, com relação à nossa primeira hipótese, verificamos que não é confirmada, já que não ocorre aumento deste tipo de composto com o aumento da faixa etária.

No que se refere à produtividade, este tipo de composto não foi observado como um dos mais produtivos em PB, segundo Sandmann (1989). Este tipo de composto destaca-se, em sua obra, principalmente, quanto à determinação de sua classificação, ou seja, se seria um grupo sintático ou um composto. Para Lee, este composto se caracterizaria como pós-lexical, já que apresenta a seqüência DM (determinado) + DT (determinante).

Como exemplo de ocorrência deste composto podemos referir o seguinte trecho da fala infantil.

A entrevistadora mostra figuras de estórias infantis para a menina e pergunta quais são os personagens que ela está vendo nas figuras. A menina (Natália; 2;2) diz o nome dos personagens e canta:

– Eu sou *o lobo mau, lobo mau, lobo mau*, eu pego as criancinhas pra fazer mingau.

A mesma ainda diz:

– Ele botou uma roupa de *lobo mau*.

4.4.2 Composto N + p + N

São formados pela união de nome, preposição e nome. Resultam numa categoria lexical +N (adjetivo). Estes compostos estão presentes na fala infantil desde os 2 anos. Em quase todas as faixas etárias representa o segundo tipo de composto mais usado na fala infantil.

No que se refere ao aumento deste tipo de composto de acordo com a faixa etária, podemos dizer que ocorre um aumento na faixa etária de 2:0 a 4:0. Na passagem da faixa etária de 5:0 para 6:0 ocorre um decréscimo e, na faixa etária seguinte, aumenta sua ocorrência novamente. Como podemos perceber, não há uma uniformidade quanto a este quesito.

Segundo Sandmann (1989), este tipo de composto aparece em seu *corpus* como um dos mais produtivos. O autor faz apenas uma observação que, muitas vezes, ocorre incerteza se este tipo seria um composto ou grupo vocabular constante. Em seu *corpus* foram registradas as seguintes formações: *filhinho-de-papai*, *meio-de-campo*, *ponta-de-lança* etc.

Como exemplos deste tipo de formação, podemos citar: *cor de mercúrio* (2:0), *palito de fósforo* (3:0), *caixa de fósforo* (4:0), *café com leite* (5:0), *escova de dente* (6:0). Vejamos a seguir exemplo de ocorrência do composto N + p + N.

Em outro momento a entrevistadora questiona:

– E isto aqui (como é o nome)? O que a gente põe fogo!

O menino responde, observando a figura de uma cozinha:

– *Caixa de fósforo.*

4.4.3 Composto V + N

São compostos formados pela junção de um verbo e um nome, que resultam em uma categoria lexical + N. Este tipo de composto pode ser verificado desde os 2 anos de idade. Nas faixas etárias de 3:0 a 4:0 e de 5:0 a 7:0 anos, constitui o composto com maior índice de ocorrência. Com relação ao aumento deste tipo de composto em relação às faixas etárias, podemos afirmar que, de um modo geral, este aumento ocorre. Na passagem da faixa etária de 5:0 para 6:0 anos é que podemos verificar um decréscimo.

Segundo Sandmann (1989), este tipo de composto forma substantivos determinativos e sua produtividade é grande na língua portuguesa. Formações citadas pelo autor: *mata-burro*; *fura-bolo* e como formação nova *cata-mendigo*.

São exemplos do *corpus* da fala infantil: *guarda-chuva* (2:0), *corta-cabelo* (3:0), *toca-disco* (4:0), *guarda-sol* (5:0). No parágrafo que segue, vejamos um exemplo deste composto.

A entrevistadora mostra figuras do instrumento de avaliação fonológica da criança (Yavas, Hernandorena e Lamprecht) e pede que a menina nomeie os objetos que está vendo nas ilustrações.

A entrevistadora diz:

– E isto o que é?

A menina responde:

– É um *guarda-chuva*. (Mariana, 3:10)

4.4.4 Composto N + N

Como todos os compostos resultam numa categoria +N. Seu maior índice de ocorrência dá-se na faixa etária de 2:0 a 3:0 anos. De acordo com nossa primeira hipótese não podemos afirmar que a aquisição deste tipo de composto seja crescente de acordo com o aumento da faixa etária, embora sua ocorrência seja constante.

São exemplos desta formação: *Coca-Cola* (2:0), *arco-íris* (3:0), *Fanta Uva* (5:0), *lata-jóia* (6:0).

Como exemplo da ocorrência do composto do tipo N + N, podemos citar:

A entrevistadora questiona o nome de um objeto, apontando para uma garrafa:

- O que é isto?
- Serve pra botar *Coca-Cola*.

4.4.5 Composto Num + N

São formados pela união de um numeral mais um nome, resultando numa categoria lexical + N. Como exemplo, podemos citar *quinta-feira* (3:0). Observamos sua ocorrência apenas numa faixa etária; portanto, não podemos afirmar que ocorra um acréscimo em sua frequência de uso com o aumento da faixa etária.

Quanto à sua produtividade, Sandmann (1989) afirma que este tipo de composto não é muito freqüente em português. No seu *corpus* foi registrada a ocorrência de sua variante *S + Num*, como em *sete-barbas*; *camisa-dez* (=centroavante).

4.4.6 Composto Num + p + N

São formados pela concatenação de um numeral, preposição e nome. Observamos sua ocorrência apenas na faixa etária de 5:0 a 6:0 anos, com um índice de 2,9%. Como exemplo, podemos citar *quinze de setembro*.

Sandmann (1989) não trata desse tipo de composto, embora sua produtividade seja evidente, já que, no mais das vezes, serve à fórmula de uma data.

4.4.7 Composto V + V

São compostos que resultam da união de dois verbos. Sua ocorrência foi registrada nas seguintes faixas etárias: de 3:0 a 4:0 e de 5:0 a 6:0, com índices respectivamente de 3,7% e 2,9%. Assim não podemos afirmar que ocorra um aumento no uso deste tipo de composto, com a passagem das faixas etárias.

No que se refere à sua produtividade, não há registros no *corpus* de Sandmann (1989). Na fala da criança, contudo, esse tipo de composto parece ser recorrente (ainda que não necessariamente em nossos dados), já que se estabelece, muitas vezes, por um processo de reduplicação - fenômeno constante na fala infantil.

4.4.8 Composto A + p + N

São compostos formados por um adjetivo, preposição e nome. Verificamos sua ocorrência, no nosso *corpus*, somente na faixa etária de 3:0 a 4:0 anos, no vocábulo *redondo do tapete*.

Quanto à sua produtividade, não há registros de sua ocorrência no estudo realizado por Sandmann (1989).

4.4.9 Composto N + p + N + A

São compostos formados por um nome, preposição, nome e adjetivo. Registramos sua ocorrência apenas na faixa entre 2:0 e 3:0 anos, no composto *boi da cara preta*.

Não encontramos comentários com relação à produtividade específica dessa combinação na obra de Sandmann (1989).

Com relação às hipóteses apresentadas no presente estudo, podemos afirmar o que segue.

- A ordem de aquisição da composição em termos de frequência de uso, de acordo com a faixa etária, é crescente se analisarmos o processo de um modo geral.

- Os tipos predominantes de compostos encontrados na fala infantil são, em ordem de preferência: V+N, N+p+N e N+A.

- Quanto ao *status* prosódico dos compostos, podemos afirmar, seguindo (Lee, 1997) que os compostos predominantes na fala infantil são os chamados "compostos lexicais", isto é, aqueles que, entre outras características, carregam dois acentos, ou seja, são dois vocábulos fonológicos e apenas um morfológico.

- As crianças usam, na maioria das vezes, tipos de compostos produtivos da língua portuguesa, ou seja, que contribuem para formação de vocábulos novos no PB.

4.5 A língua-alvo

As seções seguintes destinam-se a estabelecer semelhanças e diferenças entre os dados da fala infantil e os dados da fala adulta. Para este fim, selecionamos outros dois *corpora*: o Dicionário Aurélio, versão 3.0 e o Banco VARSUL.

Nosso intuito foi verificar se os afixos que apareceram na fala das crianças eram, uns em relação aos outros, utilizados na mesma proporção pelos adultos.

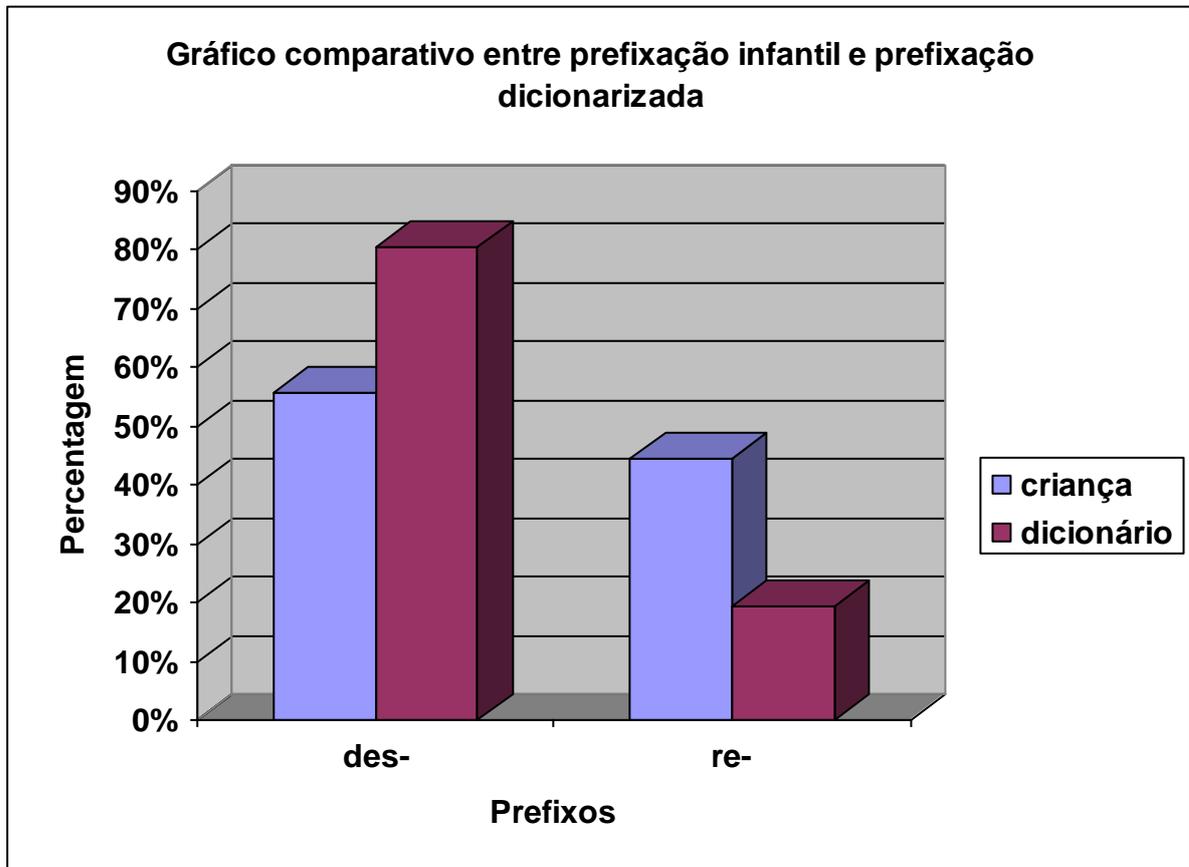
As buscas restringiram-se à afixação, ficando a composição, por questões de tempo, postergadas para análise futura. Dentre os afixos analisados, circunscrevemos tais buscas aos prefixos e sufixos usados pelas crianças de nossa pesquisa, a saber: *des-* e *re-*; *-inho*, *-eiro*, *-ado*, *-mento*, *-dor*, *-oso*, *-ão* e *-agem*.

4.5.1 Análise no dicionário Aurélio Eletrônico

No intuito de comparar a proporção no uso dos afixos usados pelas crianças com as formas dicionarizadas, isto é, as formas que consideramos da "língua-alvo", é que se procedeu à busca no Dicionário Aurélio Eletrônico. A importância da pesquisa no dicionário deve-se à referência que representa sobre o léxico de uma língua, ainda que não reflita cem por cento o léxico mental dos indivíduos. Somado a este fato, como já visto na seção 3.2, nosso trabalho, ao lado da descrição dos afixos, visa a averiguar se a frequência desses afixos na fala infantil é similar à frequência na fala adulta. Por essa razão, consideramos importante esta comparação, ainda que não suficiente.

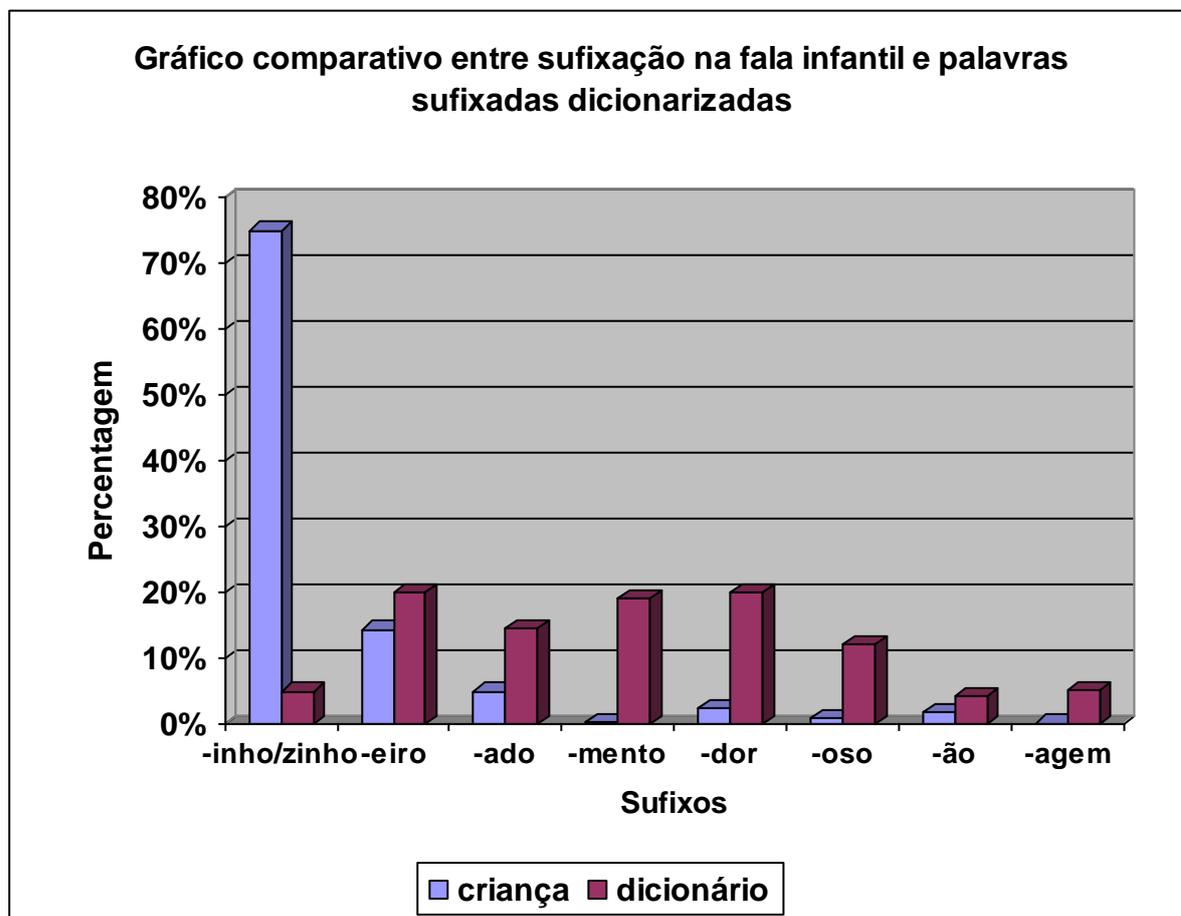
A seguir apreciaremos os gráficos que representam a prefixação e a sufixação na fala infantil e a comparação destes dois processos, separadamente, com os dados registrados no dicionário eletrônico.

Gráfico 5: Formações prefixais encontradas na fala infantil (2:0 a 7:0) & formações prefixais dicionarizadas.



Através da análise do Gráfico 5, observamos que, segundo o levantamento realizado no dicionário, o prefixo *des-* tem um número maior número de ocorrências em relação ao prefixo *re-*. O prefixo *des-* apresentou 1926 ocorrências. Quanto ao prefixo *re-*, foram registradas 467 ocorrências. Desta forma, o que verificamos através da análise destes dois prefixos no dicionário eletrônico foi a proporcionalidade de uso destes afixos em relação à fala infantil.

Gráfico 6: Formações sufixais encontradas na fala infantil (2:0 a 7:0) & formações sufixais dicionarizadas.



Conforme podemos observar no Gráfico 6, o sufixo *-eiro*, por exemplo, constitui o segundo mais usado pelas crianças. No dicionário eletrônico, dentre os sufixos pesquisados, é um dos mais recorrentes. A mesma proporção também pode ser observada nos sufixos *-ado*, *-oso* e *-agem*. No entanto, o mesmo não pode ser dito sobre *-inho/zinho*. Apesar de ser muito freqüente na fala infantil, não é muito incidente no dicionário. Não nos detivemos muito sobre este fato, pois nem todos os diminutivos são dicionarizados e, mesmo assim, sabemos de sua produtividade tanto na fala infantil como na fala adulta.

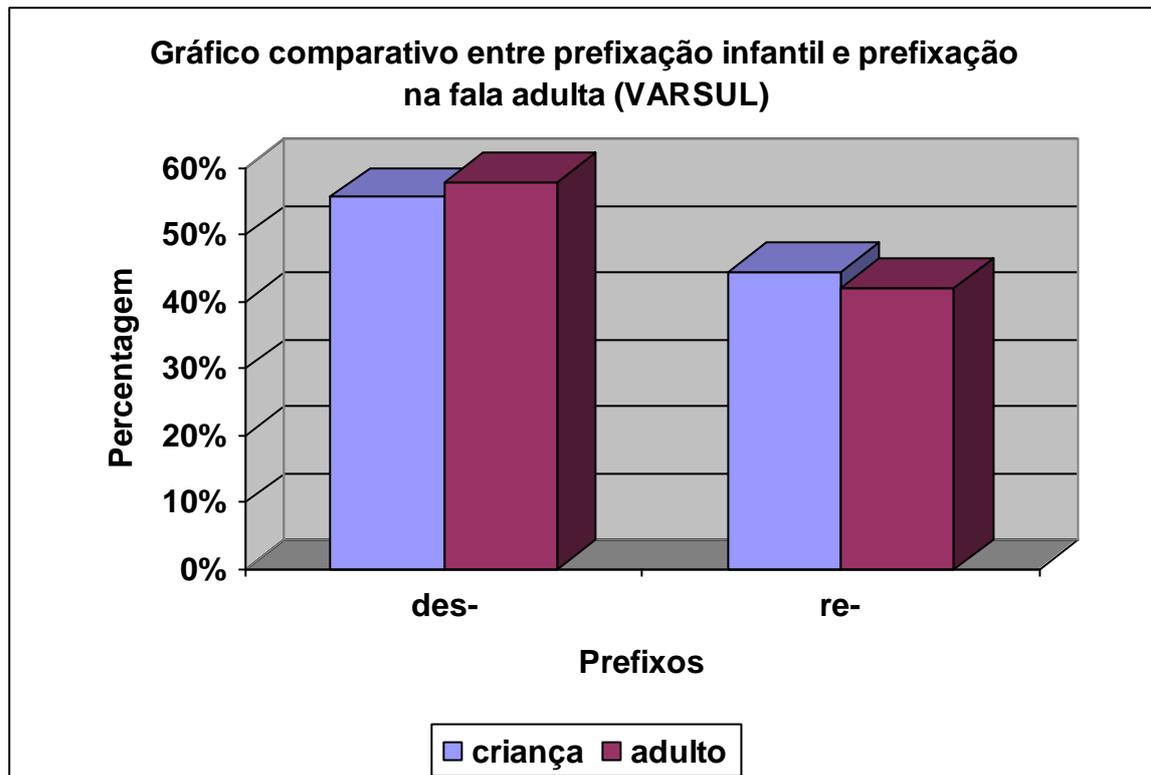
4.5.2 A busca no VARSUL

As amostras de fala do VARSUL provêm de diversas cidades, mas, como a presente pesquisa utilizou, no caso dos dados da fala das crianças, bancos de dados de Porto Alegre e Pelotas, escolhemos a cidade de Porto Alegre, para comparar a fala infantil com a

fala adulta. Procedeu-se à análise através da busca pelo Programa Interpretador, com o objetivo de desfazer qualquer suspeita sobre o léxico dos dicionários, corroborando ou não a hipótese de que a fala das crianças seria uma representação da fala adulta, em termos de proporcionalidade de uso dos afixos.

A fim de verificarmos o que os adultos fazem em termos de morfologia afixal e composição, selecionamos seis informantes (3 do sexo masculino e 3 do sexo feminino) do município de Porto Alegre, a partir dos quais, estabelecemos as nossas conclusões. A seguir apreciaremos os quadros das ocorrências, respectivamente, de prefixos e sufixos. Após serão apresentados os comentários.

Gráfico 7: Formações prefixais encontradas na fala infantil & formações prefixais encontradas na fala adulta (VARISUL).



Através da observação do Gráfico 7, verificamos que entre os dois prefixos, *des-* é o mais usado tanto na fala infantil como na fala adulta. O prefixo *re-* também segue a mesma proporcionalidade, ocupando o segundo lugar em número de ocorrências dentre estes dois prefixos. De acordo com a busca pelo interpretador, verificamos o uso dos prefixos *des-* e *re-* nos seguintes contextos.

des- : privação, negação ou diminuição de intensidade.

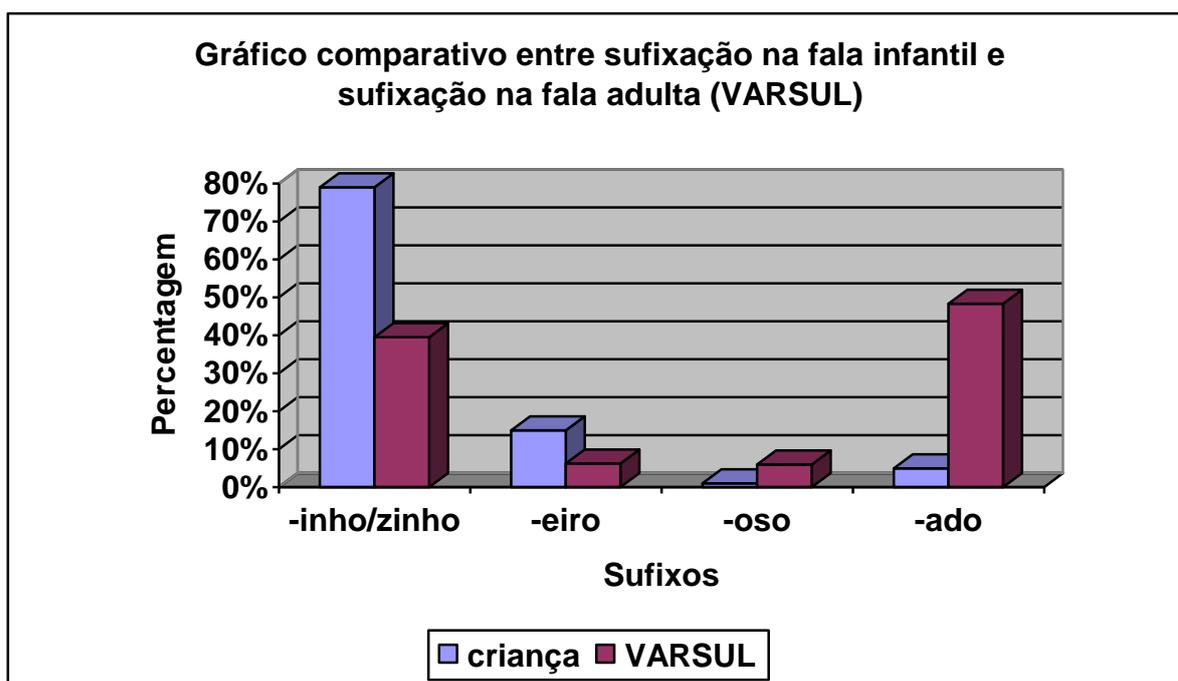
ex. *desconfiança, desanimou*

re-: repetição

ex. *reler*

Passaremos à análise do gráfico referente à sufixação na fala adulta e infantil.

Gráfico 8: Gráfico Comparativo entre sufixação na fala infantil e sufixação na fala adulta (VARSUL).



Dentre os sufixos estudados, os únicos registrados na fala adulta foram *-inho/zinho*, *-eiro*, *-oso* e *-ado*. Através da análise do Gráfico 8, verificamos que os sufixos mais usados na fala infantil também foram os mais usados na linguagem adulta, em ordem diferente. Desses sufixos, o primeiro em número de ocorrências no VARSUL é o sufixo *-ado*; o segundo mais usado é *-inho/zinho* com 39,5%; em terceiro, lugar está o sufixo *-eiro* (6,2%) e, por último, *-oso* (6%).

Os sufixos na linguagem adulta apresentam os seguintes significados:

-inho/a: aparece com valor diminutivo ou pejorativo.

ex. *pequeninho, coisinha, piadinhas, pertinho, vestidinho.*

-ado/a: sentido de : “provido de...; cheio de...; que revela o caráter de...”.

ex. *engessada, molhada.*

-eiro/a: registrado na fala adulta com o sentido de “lugar, profissão, ocupação etc.”

ex. *galinheiro, carpinteiro.*

-oso/a: revela o sentido de “estar provido de...; estar cheio de...”

ex. *estudiosa, maravilhoso.*

Em síntese, nossa análise comparativa nos permite dizer que há proporcionalidade de uso dos afixos estudados na fala das crianças e dos adultos, no que concerne à relação entre eles.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa, investigou-se a aquisição de morfemas derivacionais e compostos na linguagem infantil no período dos 2 aos 7 anos de idade, a partir das hipóteses seguintes.

- A ordem de aquisição da morfologia derivacional e de compostos é crescente em termos de frequência de uso, de acordo com a faixa etária.

- A tipologia de afixos e de compostos que aparecem na fala da criança é condicionada por aspectos de uso.

- Afixos que são palavras fonológicas independentes são adquiridos mais cedo.

- As crianças de 2:0 a 7:0 anos utilizam-se de afixos e de tipos de compostos considerados produtivos, isto é, afixos e tipos de compostos que contribuem para a formação de novos vocábulos em PB.

- Os afixos e os compostos que aparecem na fala infantil são usados por adultos com a mesma proporcionalidade.

Nossa primeira hipótese foi apenas parcialmente confirmada. Constatamos um aumento geral – incluindo prefixos, sufixos e compostos – da primeira para a segunda faixa etária. Além disso, compostos mostraram progressão moderada no uso através de todas as faixas estudadas. Não podemos afirmar o mesmo, contudo, em relação a afixos no que concerne à passagem da segunda até a quinta faixa etária investigada.

A segunda hipótese parece ter-se confirmado, considerando que os tipos de afixos e compostos adquiridos pelas crianças respeitam aspectos de uso (semântico-pragmáticos), relacionados ao *input* recebido dos pais (e das demais pessoas que convivem com a criança), sempre condicionados à situação de interlocução. A seguir resumimos a tipologia encontrada.

(i) Os únicos prefixos encontrados na fala infantil foram *des-* e *re-*. O primeiro indicando “retorno a uma situação ou estado anterior ou negação de uma base” e o segundo significando “reforço ou retrogradação”.

(ii) Os sufixos mais usados na fala infantil foram *-inho/-zinho*, indicando “grau diminutivo” e *-eiro*, significando “ lugar onde se guarda algo, objeto etc.”

(iii) Os compostos mais recorrentes na fala infantil foram V+N (*guarda-sol*), N+p+N (*papai do céu*) e N+A (*lobo mau*).

A nossa terceira hipótese, de que os afixos que são palavras fonológicas surgem primeiro na fala infantil parece não ser verdadeira, ou, pelo menos, não é confirmada por nossos dados, já que os prefixos e sufixos empregados, à exceção de *-inho/-zinho* não podem

receber esta classificação. Quanto à *-inho/-zinho*, parece haver uma motivação de uso (defendida pela hipótese anterior), que obscurece o real papel da palavra prosódica que caracterizam.

No que se refere à quarta hipótese, que diz respeito à produtividade dos afixos e compostos empregados pelas crianças, nossa análise permite confirmá-la, já que os prefixos, sufixos e compostos mais usados na fala infantil são também produtivos na língua portuguesa, conforme Sandmann (1989).

Por fim, a quinta hipótese que defendemos também se confirmou, uma vez que os adultos (Dicionário Aurélio e VARSUL) empregaram os afixos, uns em relação aos outros, numa proporção bastante semelhante à empregada pelas crianças.

O percurso deste trabalho foi desafiador e enriquecedor, tanto pela temática – bastante inexplorada ainda em Linguística – quanto pela metodologia, que nos permitiu acessar o universo do léxico adulto e infantil.

Entendemos que nossa investigação ainda é preliminar em muitos sentidos, mas estamos convictos de que ajuda a abrir um caminho importante na pesquisa da aquisição da morfologia e, por isso, como qualquer começo, saímos com mais perguntas do que chegamos – não as mesmas, mas muitas outras que o fazer científico descortina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIRMAD, Paule. *A Linguagem da Criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- ALMEIDA, Napoleão M. de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 36 ed. São Paulo. Saraiva, 1989.
- BARRET, Martyn. *Desenvolvimento Lexical Inicial*. In: *Compêndio da Linguagem da Criança*. Porto Alegre, 1997. p. 299 a 321.
- BELLUGI, Ursula; BROWN, Roger. *The Acquisition of Language*. Chicago & London, 1964.
- BISOL, Leda. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. EDIPUCRS. 1996.
- CAPELLARI, Elaine Teresinha Costa. *Concordância Nominal de Número na Fala Infantil: Análise Variacionista*. Porto Alegre, 2004. Dissertação de Mestrado. UFRGS.
- ELLIOT, Alison. *A Linguagem da Criança*. Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1981.
- CLARK, Eve V. *Desenvolvimento Lexical Tardio e Formação de Palavras*. In: FLETCHER, Paul; MACWHINNEY, Brian. *Compêndio da Linguagem da Criança*. Porto Alegre. Artes Médicas, 1997. p. 323 a 340.
- COLLISCHONN, Gisela. *A Sílabas em Português in BISOL*, 2001. Porto Alegre. EDIPUCRS, p. 91 a 122.
- CUNHA, Celso. *Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro. Padrão, 1983.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1985.
- FLETCHER, Paul; MAC WHINNEY, Brian. *Compêndio da Linguagem da Criança*. Porto Alegre. Artes Médicas, 1997.
- FIGUEIRA, Rosa A. *Aquisição dos Verbos Prefixados por DES- em Português*. Campinas, 1999. Revista Palavra, parte IV.
- INGRAM, David. *First Language Acquisition*. New York. Cambridge University Press, 1989.
- KATAMBA, Francis. *Morphology*. London, 1993.

- KOCH, Ingedore Villaça; SOUZA E SILVA, M. Cecília P. *Linguística Aplicada ao Português: Morfologia*. São Paulo. Cortez, 1995.
- LEE, Seung-Hwa Lee. *Sobre os Compostos do Português Brasileiro*. DELTA, volume 13. São Paulo, 1997.
- MIOTO, Carlos; LOPES, Ruth Elizabeth; SILVA, Maria Cristina. *Manual de Sintaxe*. Editora Insular 1999.
- MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia Portuguesa*. Campinas. Pontes, 1986.
- NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *La Prosódia*. 1986.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do Português*. Belo Horizonte. UFMG, 2003.
- RODMAN, Robert; FROMKIM, Victória. *Introdução à Linguagem*. Coimbra, 1993.
- RODRIGUES, Adriane de Fellipe. *A Fala das Mães com os Bebês: um estudo sobre a evolução do Léxico Materno*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, 1998. PUCRS.
- ROSA, Maria Carlota. *Introdução à Morfologia*. São Paulo. Contexto, 2005.
- SANDMANN, Antônio José. *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba. UFPR, 1996.
- SANTOS, Diely Valim. *Um estudo sobre os compostos do português*. Porto Alegre, 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) – PUCRS.
- SCHWINDT, Luiz Carlos da Silva. *O Prefixo no Português Brasileiro: Análise Morfofonológica*. Porto Alegre. Tese de Doutorado, PUCRS, 2000.
- ZANOTTO, Normélio. *Estrutura Mórfica da Língua Portuguesa*. Caxias do Sul. EDUCS, 1986.

ANEXOS

Principais Prefixos, segundo Cunha (1983 e 1985) e Almeida (1989).

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLOS	FONTE
Ad- a-	aproximação	Alinhar, adjunto	NMA CC
a-ab-abs-	Afastamento, separação procedência	Aversão Abdicar Abstrair	NMA CC
a- an-	Negação, privação	Átono, analfabeto	NMA NMA
Além-	Posterioridade local	Além-mar	NMA
Ambi-	Movimento circular	Ambigüidade	NMA
Amphi-	Movimento circular	Anfiteatro	NMA
Aná-	Movimento circular, repetição contrariedade	Aneurisma Anagrama Anáfora	NMA CC CC
Ante-	Posição anterior	Antebraço	CC
Anti-	Oposição	Antiaéreo	CC
Apó-	Afastamento	Apogeu	NMA
Arqui- arque- Arc- arce-	Superioridade	Arquiduque arcebispo	CC CC
Aquém-	Anterioridade local	Aquém-túmulo	NMA
Bem- bene-	Bom êxito	Bem-aventurado benquerer	NMA NMA
Bis- bi-	Dois vezes	Bisavô, bimensal	
Catá- Circum-	Movimento de cima p/ baixo Movimento circular	Catadupa cataplasma	CC CC
Cis-	Anterioridade local	cisplatino	NMA
Con- com- Co- cor- <cum	Reunião	Compor Cooperar corresponder	CC CC NMA
Contra-	Oposição, posição fronteira	Contra-dizer contrabaixo	NMA NMA CC
De-	De cima para baixo, procedência, separação, falta, privação	Decair Deportar decrecer	NMA NMA CC
Des- <de+es	Separação, afastamento, privação, negação, Aumento de intensidade	Desleal Desagradável desfazer	NMA NMA CC
Dis- di- Dir-	Separação, distribuição, negação	Dispersar Dilacerar dirimir	NMA CC CC
Dys-	Mau êxito	Dispepsia disenteria	NMA CC

Per-	Movimento através, intensidade, idéia pejorativa	Perfurar Perfazer perverso	CC NMA NMA
Perí-	Movimento circular	Perífrase perímetro	NMA CC
Post-	Posição posterior	Postedênico	NMA
Pos-		postônico	CC
Pre-	Posição anterior	Predizer	NMA
Preter-	Posterioridade local, excesso	Preterir pretermatural	NMA NMA
Pro-	Posição anterior	prólogo	NMA
Pros-	Movimento para diante	Prosélito	NMA
Re-	Repetição, reforço, retrogradação	Reler, reluzir refluxo	NMA NMA NMA
Retro- Reta-	retrogradação	Retrospectivo retaguarda	CC NMA
Se-	Apartamento, separação	Seduzir	NMA
Sem-	Privação	Sem-cerimônia	NMA
Semi-	Mediação	Semi-círculo	NMA
Super- Sobre-	Posição superior	Superlativo sobrecarga	NMA CC
Soto-	Posição inferior	Sotopor	NMA
Sub- Sob- So-	Posição inferior	Supor Subjugar soterrar	NMA NMA CC
Subter-	Posição inferior	Subterfúgio	NMA
Supra-	Posição superior	Supracitado	CC
Sus-	Movimento para cima	Sustentar	NMA
Sin- sim- Sil- si-	Reunião	Síntese Simpatia Sistema sílaba	NMA CC NMA NMA
Trans- tras- Tra- tres-	Posterioridade local, travessia	Transcrever Transladar Traduzir trespasse	NMA CC NMA NMA
Tris- tri- Tres- tre-	Triplicação ou reforço	Trisavô Trifólio Tresloucar trecentésimo	NMA NMA NMA NMA
Tris- tri-	Triplicação	Trissílabo tritongo	NMA NMA
Ultra-	Posterioridade local, excesso	Ultramar Ultra-sensível	NMA CC
Vice- vis- vizo	Substituição, em lugar de	Vice-reitor Visconde Vizo-rei	CC CC CC

Principais Sufixos, segundo Cunha (1983 e 1985) e Sandmann (1989):

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLOS	ORIGEM
-aço -aça -uça	Forma substantivos com força aumentativa ou pejorativa	Ricaço Barulhaço mulheraço	Cunha Sandmann
-agem	Forma substantivos que expressam ação, Noção coletiva; estado	Folhagem Panfletagem Farofagem aprendizagem	Cunha Sandmann
-ada	Ação breve ou passageira; porção, marca feita por um instrumento; golpe; produto alimentício	Olhada Colherada Dentada Pincelada bananada	Cunha Sandmann
-alha	Coletivo pejorativo	Canalha, gentalha	Cunha
-ança -ância -ença -ência	Ação ou resultado dela; estado	Lembrança Vingança Descrença concorrência	Cunha
-ano	Derivação de nomes próprios, pertinência ao substantivo da base; origem; partidário	Malufiano Kwaitiano Romano Luterano	Cunha Sandmann
-ante -ente -inte	Agente	Estudante Navegante Ouvinte combatente	Cunha Sandmann
-ão	Aumentativos (idiomatismo, apreço, tamanho acima do normal); proveniência, origem	Calçadão Bandejão, bolsão Paredão Alemão	Cunha Sandmann
-ário	Ocupação, ofício, profissão, lugar onde se guarda algo	Operário Secretário Vestiário metroviário	Cunha Sandmann
-ato (-ado)	Classe de...; substantivos abstratos; instituição; titulação	Bispado Condado Doutorado Campesinato Professorado	Cunha Sandmann
-ário -eiro	Relação, pertinência, posse, origem	Diário Caseiro mineiro	Cunha
-ado	Provido de...; cheio de...; que revela o caráter de...	Barbado amarelado	Cunha
-ante -ente -inte	Ação, qualidade, estado	Semelhante Doente Seguinte	Cunha

-ável; ível	Habilidade, capacidade de; digno de... Habilidade, capacidade de; digno de...	Presidenciável perecível	Cunha, Sandmann
-eiro	Ocupação, ofício, profissão, lugar onde se guarda algo; árvore; objeto; designa agente	Barbeiro, copeiro Galinheiro Laranjeira Cinzeiro Formigueiro Canavieiro	Cunha Sandmann
-ês -ense -eno	Origem; termos gentílicos; referência; origem	Francês Português Forense Terreno Chileno	Cunha Sandmann
-engo	Relação; pertinência; posse	Mulherengo Solarengo	Cunha
-ete -eto -ito -ote		Lembrete Poemeto Meninote Serrote	Cunha
-eu	Relação, procedência, origem	Europeu Hebreu	Cunha
-ez		Altivez honradez	Cunha
-eza		Beleza Riqueza	Cunha
-ia	Abstração (forma substantivos abstratos); Lugar onde se exerce uma atividade; profissão; noção coletiva	Defensoria Controladoria Delegacia Reitoria Advocacia Clerezia	Cunha Sandmann
-io -ivo	Ação, referência, modo de ser	Fugidio Tardio Afirmativo	Cunha
-(d) iço -(t)ício	Possibilidade de praticar ou sofrer uma ação	Movediço Quebradiço	Cunha
-íssimo	superlativos	Aplaudidíssimo Ordeiríssimo Pertíssimo	Sandmann
-ista	Seguidor; membro de partido; ocupação; fã de clube esportivo; nomes pátrios e gentílicos	Malufista Federalista Dentista Flamenguista Nortista Paulista	Cunha Sandmann
-ite	Inflamação de um órgão indicado pela base, aumento exagerado; proliferação	Apendicite Preguicite Paixonite	Cunha Sandmann
-dade	Conotação depreciativa	Obviedade	Cunha

-inho(a) -zinho(a) -ino(a)	Valor diminutivo (formas lexicalizadas, pejorativas ou diminutivas)	Crueldade Cantinho Escolinha Corridinha Adeusinho Rapazinho	Sandmann Cunha Sandmann
-ção -são	Designa ação ou resultado dela	Nomeação Agressão Realização Digitação	Cunha Sandmann
-(d)or -(t)or -(s)or	Agente, instrumento da ação	Jogador Depilador Misturador Secadora	Cunha Sandmann
-oso	Estar provido de...; estar cheio de...	Preconceituoso Orgulhoso	Sandmann
-ção -são	Ação ou resultado dela	Nomeação Agressão	Cunha
-douro -tório	Lugar ou instrumento da ação	Bebedouro lavatório	Cunha
-(d)ura -(t)ura -(s)ura	Resultado ou instrumento da ação; noção coletiva	Pintura Atadura Formatura Clausura	Cunha
-mente	Advérbios de modo Advérbios de lugar Advérbios de tempo Advérbios de intensidade Advérbios de avaliação ou julgamento	Prudentemente Externamente Antigamente Incrivelmente frio certamente	Sandmann
-udo	Provido de...; cheio de...	Pontudo Barbudo	Cunha
-ugem	Semelhança, pejorativa	Ferrugem Penugem	Cunha
-ume	Noção coletiva ou de quantidade	Cardume Ciúme	Cunha

Lista de vocábulos encontrados na fala infantil no período dos 2:0 aos 7:0 anos de idade, faixas etárias e distribuição de ocorrências por faixa:

Prefixos

Des-

Desligar – 2:10(3), 4:6(1), 5:8(1)

Re-

Remexer – 4:0(4)

Sufixos

-ada

Estragada – 3:4(2)

Gelada – 6:0(1)

Gripada – 3:6(1), 4:8(1), 6:0(1)

Limonada – 3:2(1), 5:8(1)

Pendurada – 5:10(1)

Rasgada – 6:0(1), 6:10(1)

-ado

Fechado – 4:0(1)

Gelado – 3:8(1), 4:2(1), 5:6(1), 5:8(1), 6:0(1), 6:10(1), 7:0(1)

Gripado – 5:8(1), 6:0(1), 6:2(1)

Pelado – 3:4(1)

Quebrado – 2:2(1), 2:8(1), 5:8(1)

Telhado – 6:0(1)

-ão

Fortão – 6:10(1)

Garrafão – 5:0(1)

Grandão – 4:8(1), 5:6(1), 6:10(1)

Rabão – 3:2 (1)

Rodão – 6:4(1)

Ursão – 4:2(1), 5:10(1)

-dor

Abridor – 3:2(1), 4:8(1), 5:0(1), 6:0(2), 6:2(1), 6:8(1), 7:0(1)

Batedor – 5:0(1)

Escorregador – 2:10(1)

Gelador – 4:8(1)

Gravador – 3:2(1), 5:4(1), 5:6(1)

Ventilador – 3:10(1)

-eira

Bananeira – 3:10(1)

Bandeira – 4:2(1), 5:2(1), 5:6(1), 6:10(1)

Cafeteira – 6:4(2), 6:8(1)

Fruteira – 3:4 (1)

Geladeira – 2:2(1), 2:4(1), 2:6(1), 2:8(1), 3:0(1), 3:2(1), 3:4(1), 3:6(1), 3:10(1), 4:2(1), 4:4(1), 4:6(1), 4:8(2), 4:10(2), 4:10(1), 5:2(1), 5:6(1), 5:8(2), 5:10(2), 6:0(1), 6:2(2), 6:4(2), 6:6(1), 6:8(2), 6:10(2), 7:0(1)

Lapiseira – 3:0(1)

Mamadeira – 2:8(1)

Sujeira – 2:8(1)

-eiro

Banheiro – 2:6(1), 2:10(1), 3:0(1), 3:2(1), 3:8(1), 3:10(1), 4:2(1), 4:4(1), 4:6(3), 4:8(1), 5:0(1), 5:2(1), 5:6(2), 5:8(2), 5:10(1), 6:0(1), 6:4(1), 6:6(1), 6:9(1), 6:10(2)

Bombeiro – 2:8(1)

Chuveiro – 5:10(1)

Cinzeiro – 5:8(1)

Pistoleiro – 6:0(1)

-inha

Aguinha – 3:8(1)

Amiguinha – 3:10(1)

Balinha – 2:10(1)

Bandeirinha – 4:8(1)

Barriguinha – 4:0(1), 5:2(1)

Bolinha – 2:2(1), 3:4(1), 2:10(1), 3:10(1), 4:0(2), 4:4(1), 5:4(1)

Bonequinha – 3:8(1)

Cabaninha – 5:8(1)

Cadeirinha – 2:2(1), 3:2(1), 4:10(1)

Cadelinha – 4:10(1)

Caixinha – 3:2(1), 5:0(1)

Canequinha – 2:2(2)

Canetinha – 3:2(1)

Carninha – 5:2(1)

Casinha – 2:2(1), 2:4(1), 2:6(2), 2:8(1), 2:10(2), 3:2(1), 3:10(2), 5:0(1), 5:2(1), 5:4(1), 5:10(2), 6:4(1), 6:8(1)

Chuvinha – 3:2(1)

Cirandinha – 5:0(1), 6:10(2)

Cobrinha – 3:2(1)

Coisinha – 4:4(2), 5:0(1), 6:10(1)

Coelhinho – 2:8(1)

Coleguinha – 4:2(1)

Comidinha – 5:2(1)

Cordinha – 5:2(1)

Criancinha – 4:4(1)

Escadinha – 5:8(1)

Escolinha – 2:2(1), 3:8(2), 4:0(1)
 Estorinha – 3:6(1), 3:8(6), 3:10(1), 5:0(1), 5:2(1)
 Estradinha – 6:0(1)
 Estrelinha – 2:8(1), 3:4(2), 3:8(3), 3:10(1), 4:2(1), 4:6(1), 5:0(1), 6:4(1)
 Fadinha – 4:4(1)
 Fazendinha – 2:2(1)
 Figurinha – 3:10(1)
 Filhinha – 4:10(1), 5:6(1)
 Florzinha – 2:2(1)
 Franjinha – 4:2(1), 5:0(1)
 Frutinha – 3:2(1), 3:8(1), 3:10(1), 4:4(1), 6:4(1)
 Gordinha – 5:0(1)
 Graminha – 4:4(1)
 Inteirinha – 4:4(1)
 Joanelinha – 5:10(1)
 Letrinha – 4:6(1)
 Madeirinha – 4:4(1)
 Massinha – 3:10(1)
 Menininha – 3:10(1)
 Mesinha – 3:0(2), 4:4(1), 5:0(1), 5:10(2)
 Mochilinha – 5:2(2)
 Murchinha – 4:4(1)
 Orelhinha – 3:2(1), 5:2(1)
 Ovelhinha – 3:10(1), 5:2(1)
 Patinha – 5:2(1)
 Pecinha – 3:10(3)
 Pedrinha – 3:4(1), 6:4(1)
 Pequeninha – 2:6(1), 3:4(1), 3:8(1), 4:0(1), 4:10(1), 5:0(1), 5:4(1)
 Pequeninho – 2:10(1), 3:10(1), 4:8(1), 5:4(1), 5:10(1)
 Perninha – 5:0(1)
 Pitanguinha – 5:0(1)
 Plantinha – 2:4(1), 4:2(1), 4:6(1), 5:2(1)
 Plaquinha – 5:2(1), 5:6(1), 6:4(1)
 Pracinha – 2:8(1)
 Quadradinha – 6:2(1)
 Rodinha – 2:2(1), 4:0(1), 4:2(1), 4:8(1), 4:10(2), 6:10(1)
 Sacolinha – 6:4(1)
 Sequinha – 4:4(1)
 Simoninha – 4:4(1)
 Surdinha – 6:2(1)
 Tampinha – 2:10(1), 4:2(1)
 Toalhinha – 3:4(2)
 Trancinha – 2:6(1), 4:10(1)
 Vaquinha – 2:2(1), 5:2(1)
 Varinha – 4:10(1), 6:2(1)
 Velinha – 2:4(1), 4:2(1), 4:4(1), 4:8(1), 5:0(1), 5:2(1), 5:10(1), 6:0(2), 6:4(1)
 Xicrinha – 3:2(1)
 Zebrinha – 3:10(1)

-inho

Amiguinho – 2:6(1)
 Aninho – 2:2(1)
 Baixinho – 2:8(1), 4:0(1), 6:0(1)
 Baldinho – 5:10(1)
 Banquinho – 3:4(1)
 Barulhinho – 2:8(1)
 Beijinho – 3:6(1)
 Bichinho – 2:4(4), 2:8(1), 3:8(1), 5:6(1)
 Biquinho – 4:4(1)
 Bolinho – 3:6(1), 4:4(1)
 Bonitinho – 5:8(1)
 Bonequinho – 2:6(3), 5:6(1)
 Bracinho – 5:8(1)
 Branquinho – 5:2(1)
 Brinquedinho – 3:2(1)
 Buraquinho – 3:4(2)
 Burrinho – 2:2(1)
 Cabelinho – 4:8(1)
 Cabinho – 4:4(1)
 Cachorrinho – 2:6(1), 3:2(1), 3:4(2), 3:6(2), 4:2(2), 4:4(1), 4:8(1)
 Calminho – 4:4(1)
 Carrinho – 2:6(2), 2:10(1), 3:0(3), 3:2(2), 3:4(2), 3:6(3), 3:8(4), 4:8(1), 5:0(1), 5:10(1)
 Cascudinho – 4:10(1)
 Cavalinho – 2:2(1), 2:8(1), 3:2(1), 4:4(1)
 Cheirinho – 4:10(1)
 Chinelinho – 2:4(1)
 Chiquinho – 2:10(1)
 Clarinho – 5:10(1)
 Coelhoinho – 2:4(1), 3:0(1), 3:2(1), 3:4(1), 3:10(2), 4:6(1), 4:8(1), 5:8(1), 6:0(2), 6:10(1), 7:0(1)
 Copinho – 6:0(1)
 Devagarinho – 4:0(1), 6:4(1)
 Diabinho – 6:4(2)
 Dinheirinho – 5:2(1)
 Direitinho – 4:4(1)
 Elefantinho – 2:10(1)
 Filhinho – 2:2(1)
 Fraquinho – 3:10(1), 4:2(1), 4:8(1), 6:8(1)
 Furinho – 3:2(1), 3:4(1)
 Garfinho – 2:8(1)
 Gatinho – 2:4(2), 2:10(1), 3:0(1), 3:2(1), 3:8(2), 4:2(1), 6:0(1)
 Geladinho – 5:2(1)
 Joguinho – 5:10(1)
 Lobinho – 3:10(1)
 Longinho – 5:8(1)
 Macaquinho – 3:8(1)
 Menininho – 5:10(1)
 Miliquinho – 6:0(1)

Motinho – 2:4(1), 3:2(1)
 Olhinho – 4:2(1)
 Ovinho – 2:8(1)
 Palhacinho – 2:2(1), 2:8(1), 3:8(1), 6:0(1)
 Palitinho – 3:2(1)
 Paninho – 3:4(1)
 Parquinho – 3:10(1), 4:4(2)
 Pedrinho – 5:0(1)
 Peixinho – 2:6(1), 3:4(1), 5:0(1), 5:2(2), 5:4(1)
 Pequeninho – 2:10(1), 3:10(1), 4:4(1), 6:10(1)
 Pertinho – 5:4(1), 5:8(1)
 Pinguinho – 4:0(1)
 Pintinho – 2:8(1), 3:2(1)
 Porquinho – 3:2(1), 3:10(2), 4:8(1), 5:4(1), 5:10(1)
 Pouquinho – 2:10(2), 5:0(1), 5:6(1), 6:8(1)
 Pratinho – 2:4(1), 3:4(1), 5:2(1), 5:10(1)
 Pretinho – 4:4(1), 4:10(1)
 Quadrado – 5:10(1)
 Quadrinho – 6:0(1)
 Quentinho – 3:10(1), 4:0(1)
 Rabinho – 3:2(1), 5:2(1)
 Radinho – 6:0(1)
 Ratinho – 2:2(1), 2:4(5), 3:2(1), 3:6(5), 3:10(1), 4:2(1), 4:10(1), 5:0(1), 6:0(1)
 Redondinho – 4:10(1)
 Risquinho – 5:10(1)
 Saquinho – 2:4(1)
 Sininho – 4:0(1)
 Soldadinho – 6:2(1)
 Tamainho – 4:10(1)
 Teatrinho – 3:10(1)
 Trabalhinho – 3:4(1)
 Tudinho – 4:10(1)
 Ursinho – 2:10(1), 3:4(1), 3:6(1), 3:10(2), 4:2(1), 4:8(1), 5:0(1), 6:10(1)
 Vidrinho – 3:8(1), 5:8(1), 5:10(1), 6:8(1), 6:10(2)

-mento

Casamento – 3:0(2)

-osa

Corajosa – 2:10(1)

Perigosa – 6:4(1)

-oso

Delicioso – 4:0(2)

Gostoso – 5:4(1)

Perigoso – 6:10(1)

-zinha

Colherzinha – 2:4(1), 5:8(1)
 Florzinha – 2:2(1), 3:4(3), 3:8(1), 3:10(1), 4:8(2), 5:8(1), 5:10(1), 6:4(1)
 Guriazinha – 3:6(1), 3:8(1), 3:10(1), 6:4(1)
 Pazinha – 3:6(1), 4:0(1), 4:4(1), 4:6(1), 5:0(1), 5:8(1), 5:10(1), 6:2(1), 6:4(1), 7:0(1)
 Vovozinha – 2:10(1)

-zinho

Baldezinho – 6:0(1)
 Cafezinho – 2:2(1)
 Coraçõozinho – 2:8(1)
 Devagarzinho – 5:6(1)
 Filmezinho – 3:8(1)
 Gurizinho – 3:2(1), 3:6(2), 3:10(1), 4:2(1), 6:0(1), 6:4(3)
 Leãozinho – 5:2(1)
 Pazinha – 3:6(1), 4:0(1), 4:4(1), 4:6(1), 5:0(1), 5:8(1), 5:10(1), 6:2(1), 6:4(1), 7:0(1)
 Tamborzinho – 5:8(1)
 Trenzinho – 2:4(1), 3:10(1)

Compostos

Água de chuva – 5:8(1)
 Água doce – 5:8(1)
 Água na boca – 4:4(1)
 Arco-íris – 3:6(1)
 Armário do banheiro – 6:8(1)
 Azul forte – 5:10(1)
 Bandeira do Brasil – 4:10(1), 5:0(1), 5:2(1), 5:4(1), 5:10(1), 6:2(1), 6:10(2)
 Barraca de índio – 5:10(1)
 Boi da cara preta – 2:4(1)
 Balde de flor – 5:0(1)
 Café com leite – 5:10(1)
 Café preto – 5:10(1)
 Cai-cai – 3:6(1)
 Caixa de fósforo – 4:6(1)
 Café da manhã – 6:2(1)
 Cama de casal – 7:0(1)
 Coca-cola – 2:2(1), 2:8(1), 4:2(1)
 Coelhinho da páscoa – 3:2(1)
 Cor de azul – 4:8(1)
 Cor de mercúrio – 2:10(1)
 Corta-cabelo – 3:8(1)
 Cor de garrafa – 3:8(1)
 Cor de pele – 6:10(1)
 Cor de rosa – 3:10(1), 4:8(2)
 Cor de uva – 3:10(1)
 Creme de leite – 5:0(1)
 Escova de dente – 5:0(1), 5:8(1), 6:6(1), 7:0(1)

Estrada do trem – 5:10(1)
Faixa de segurança – 6:2(1)
Fanta laranja – 5:10(1)
Fanta uva – 5:10(1)
Guarda-chuva – 3:0(1), 3:2(1), 3:4(1), 3:6(5), 3:10(2), 4:2(2), 4:4(1), 4:6(2), 4:8(3), 5:0(2),
6:2(2), 6:4(1), 6:6(1), 6:8(1), 6:10(3), 7:0(1)
Guarda-sol – 5:4(1), 6:10(1)
Lata-jóia – 6:8(1)
Leite condensado – 5:0(1)
Lobo mau – 2:2(10), 3:0(1), 3:6(2), 3:10(3), 4:2(1), 4:6(1), 4:8(1)
Máquina de cortar – 5:8(1)
Meio da rua – 6:8(1)
Nega maluca – 6:10(1)
Palito de fósforo – 3:6(1)
Papai Noel – 2:4(1)
Pasta de dente – 4:6(1), 4:8(1), 5:10(1)
Pica pau – 5:0(1)
Pista do trem – 6:10(1)
Porta retrato – 5:10(1)
Programa livre – 5:10(1)
Quinta-feira – 4:0(1)
Redondo do tapete – 3:6(1)
Roda de criança – 6:2(2)
Roda-roda – 5:10(1)
Roupa de colégio – 5:0(1)
Salada de frutas – 5:10(1)
Sobremesa – 4:0(1)
Soda limonada – 5:10(1)
Tábua para bater – 5:0(1)
Toca-disco – 4:6(1)
Verde Clarinho – 5:10(1)